

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

VICTOR GUILHERME CORDEIRO SALGADO

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL


*Projeto Estação Chão d'Água e Proposta de Desenvolvimento
Local com Turismo Comunitário na Vila Elesbão (AP)*

Orientadora: Profa. Dra. Bianca Moro de Carvalho

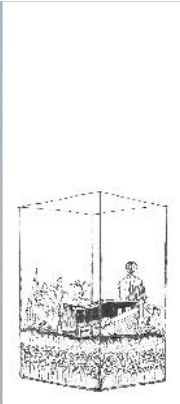
Comissão examinadora: Prof. Humberto Mauro A. Cruz
Profa. Msc. Géssica N. dos Santos

MACAPÁ
2019





“Na Amazônia as espacialidades urbanas, especialmente das cidades localizadas às margens dos rios, foram impostas, o que não significa reconhecer, de um lado, que estas formas não são homogêneas; de outro, que guardam resíduos de relações pretéritas como sinais de resistência”
OLIVEIRA, J., 2006, p.28



AMAZÔNIA



PALAFITAS



VILA
ELESBÃO



ESTAÇÃO
CHÃO
D'ÁGUA

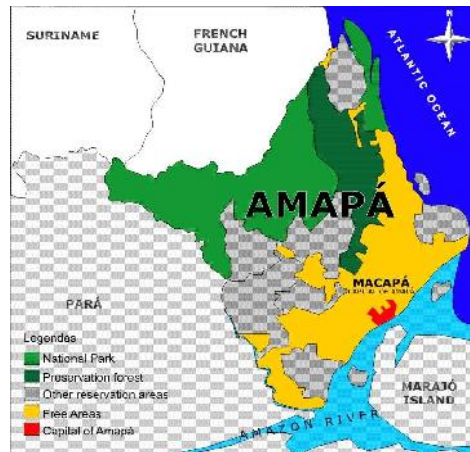


A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

1 INTRODUÇÃO



AMAZÔNIA URBANA



Fonte e Fotos: Projeto de Extensão Planejando com a Comunidade.. 2015, 2017 e 2018.



A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL



Fonte e Fotos: SALGADO, V. 2017-2018.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL



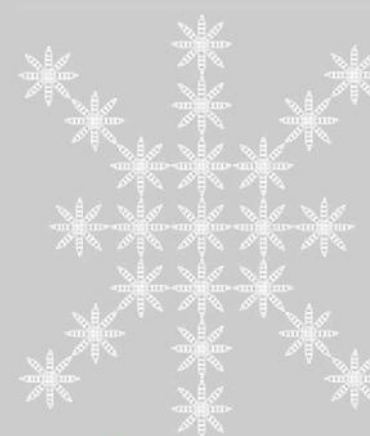
CAPÍTULO II



CAPÍTULO III



CAPÍTULO IV



CAPÍTULO V

1.1 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Apresenta-se uma **análise qualitativa** do legado cultural da Vila Elesbão, assim como **quantitativa** acerca das demandas por equipamentos e infraestruturas para comunidade.

A principal **pergunta** elaborada para monografia, diante dos âmbitos de análise urbana, cultural e socioespacial, expõe a seguinte problemática:

A arquitetura palafítica presente na Vila Elesbão representa um legado histórico-cultural e uma técnica adequada ao modo de vida local?

O **objetivo** principal da investigação **é elaborar um projeto e uma proposta de desenvolvimento local para Vila Elesbão**, prezando pelo teor científico e coerente a realidade local para o conteúdo do trabalho.

Objetivos específicos:

- **Estudar a origem da ocupação da Vila Elesbão** e suas raízes culturais que justifiquem sua forma de ocupação e expressão cultural - as palafitas;
- **Analisar os impactos sociais e ambientais do assentamento humano** às margens do rio Amazonas, na zona portuária de Santana;
- **Analisar as condições de habitabilidade** da Vila Elesbão, com ênfase nas características específicas da região Amazônica;
- **Elaborar o estudo de viabilidade técnica** que preveja as possibilidades de uso e sirva de avaliação preliminar para projetos e propostas exequíveis.

Quanto aos **dados quantitativos**, as fontes e bases consultadas:

- **Dados estatísticos;**
- **Dados cartográficos;**
- **Formulário.**

As análises **qualitativas** necessitam de outras fontes de informações e métodos de coleta. Utilizou-se os recursos:

- **Análise bibliográfica;**
- **Entrevista por pautas;**
- **Registro fotográfico;**
- **Registro audiovisual.**



Foto: SILVA, V., 2018.



2 ENTRE AS ÁGUAS E O MEIO URBANO: PALAFITAS

O contexto internacional de ocupações palafíticas

- Os pioneiros dos Alpes Suíços (Suíça)
- As casas Batak (Indonésia)
- O povoado Ganvie (Benin)
- As palafitas de Manabí (Equador)

As palafitas do Brasil

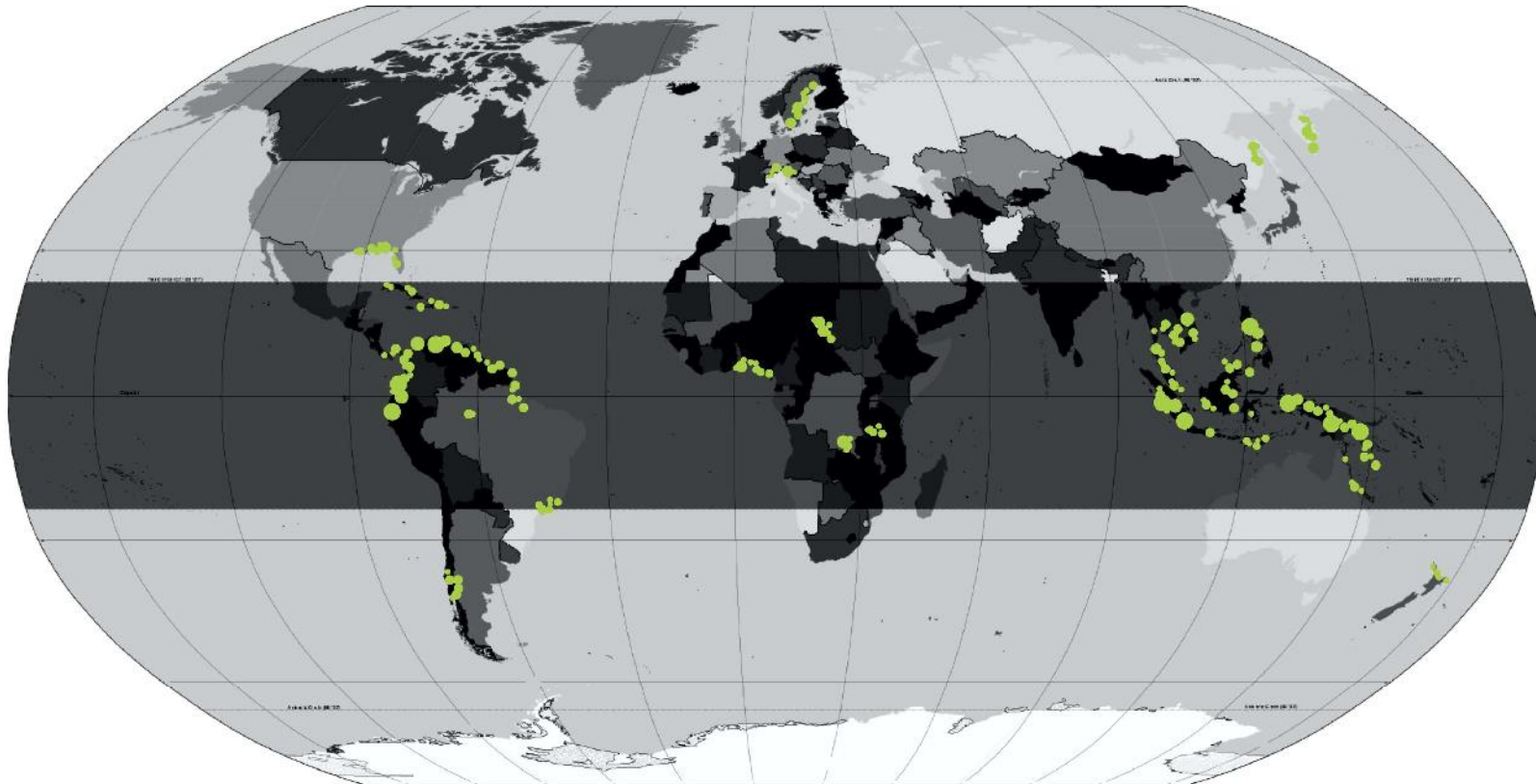
- O complexo da Maré (RJ)
- As palafitas do rio Anil (MA)
- A ressaca Chico Dias (AP)

CAPÍTULO II

2 Entre as águas e o meio urbano: palafitas

2.1 O contexto internacional de ocupações palafíticas

Pode-se dizer que construir sobre as águas foi uma ideia revolucionária. Estes tipos de construções encontradas em diferentes zonas geográficas, da Áustria à Escócia, do Chile até a Indonésia, tratam-se de edificações datadas de mais de 5000 anos (BAHAMÓN, A. & ÁLVAREZ, A., 2009, p. 17) e que confirmam evidências históricas de ocupações humanas às margens de corpos d'água.



Elaboração: SALGADO, V., 2018. Fonte de dados: VILLOTA, M., 2014

2 Entre as águas e o meio urbano: palafitas

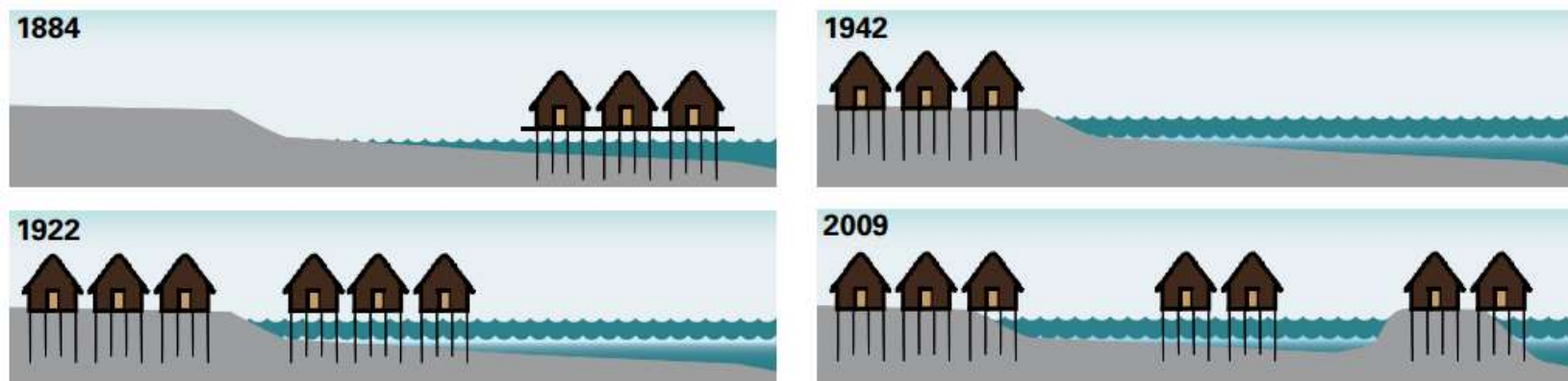
2.1 O contexto internacional de ocupações palafíticas

Esta descoberta originou um enorme debate a respeito de formas de assentamentos sobre as águas, o que mais tarde, em meados do século XX, a partir de análises científicas, foi possível identificar aproximadamente o seu período histórico: entre o final da Idade da Pedra e a Era do Bronze (5000-800 d.c.), segundo SUTER, P. J. e SCHLICHTERLE, H (2009, p. 10-12).



Fonte: BAHAMÓN, A. e ÁLVAREZ, A. 2009.

Legenda: Aldeias pré-históricas na Europa (A); local de pesquisas e escavações de fósseis de pilotis em 1919 (B); sítio arqueológico de pilotis aberto ao público (C). Fonte: SUTER, P. J. e SCHLICHTERLE, H. 2009.



Fonte: SUTER, P. J. e SCHLICHTERLE, H. 2009.

2 Entre as águas e o meio urbano: palafitas

2.1 O contexto internacional de ocupações palafíticas

Na África, um exemplo relevante de palafita é encontrado no povoado Ganvie da República de Benin, considerada a “Viena Africana”, em que os habitantes, os Tofuni, ocupam a orla do Lago Nokoué, onde constroem as palafitas em bambu sob um terreno permanentemente alagado, utilizando longos pilotis de madeira cravados no fundo do lago.



Legendas: (A) Vista aérea da região ocupada do Lago Nokoué; (B) Crianças em barcos transportando mantimentos. Fontes: TILBORG, H. 2014; JARVIS, S. 2018.



Legenda: Casa Bolon (A); Povoado Batak (B). Fonte: NISA, P.; KUSUMA, B., 2018.

Na Ásia, diante do vasto horizonte oceânico do Pacífico, as comunidades da tribo Batak (Indonésia) constroem tradicionalmente duas tipologias de palafitas desde o séc. XV, as grandes casas familiares chamadas Bolon, e os celeiros os quais denominam Sopo. YUSRAN & SURYASARI (2016, p. 187) descrevem que estes povos da Indonésia simbolizam a sua vida pela ornamentação e pela decoração, bem como a sua implementação na casa como um todo.

2 Entre as águas e o meio urbano: palafitas

2.1 O contexto internacional de ocupações palafíticas

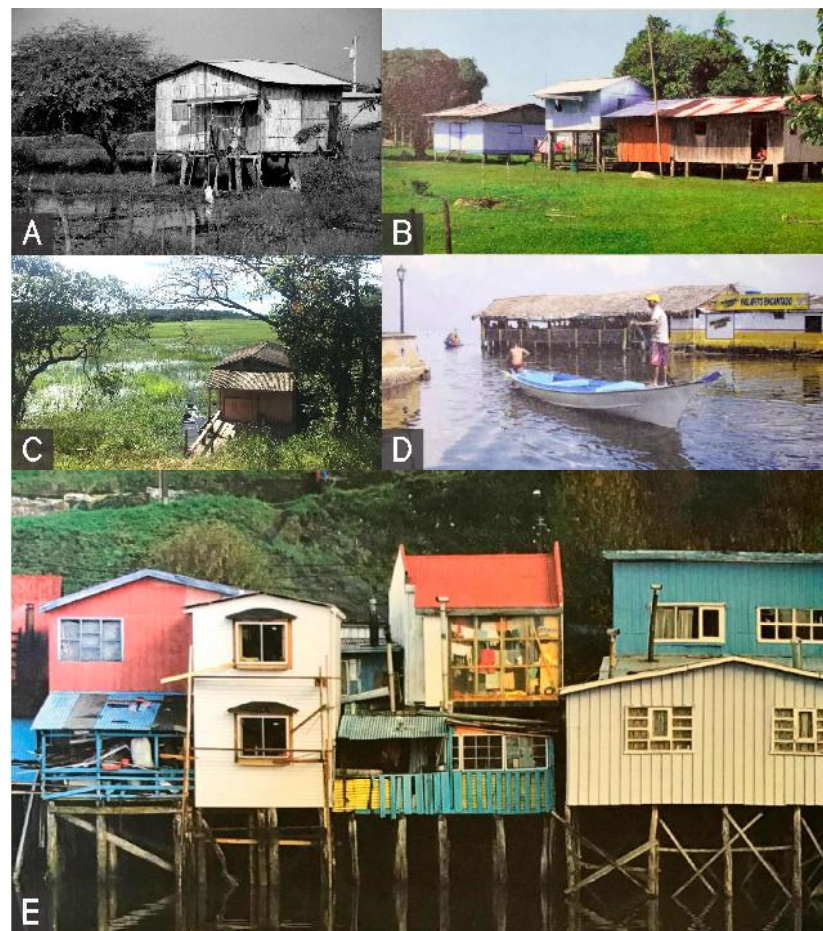
A Província de Manabí, no litoral oceânico do Equador, é local de vários estudos a respeito de palafitas vernáculas. A região banhada pelo oceano pacífico possui áreas costeiras ocupadas por habitações vernáculas do tipo palafita, o que se deve principalmente devido à autoconstrução, onde o habitante modifica a residência a partir de suas necessidades específicas, conforme vão surgindo (VILLOTA, M., 2014, p. 94).



Fonte: NURNBERG, D., 1981, apud VILLOTA, M., 2014.



Legenda: Assentamento Popular (A); Interior das habitações em assentamento populares (B).
Fonte: JAVÉ, F., 2011, apud VILLOTA, M., 2014.

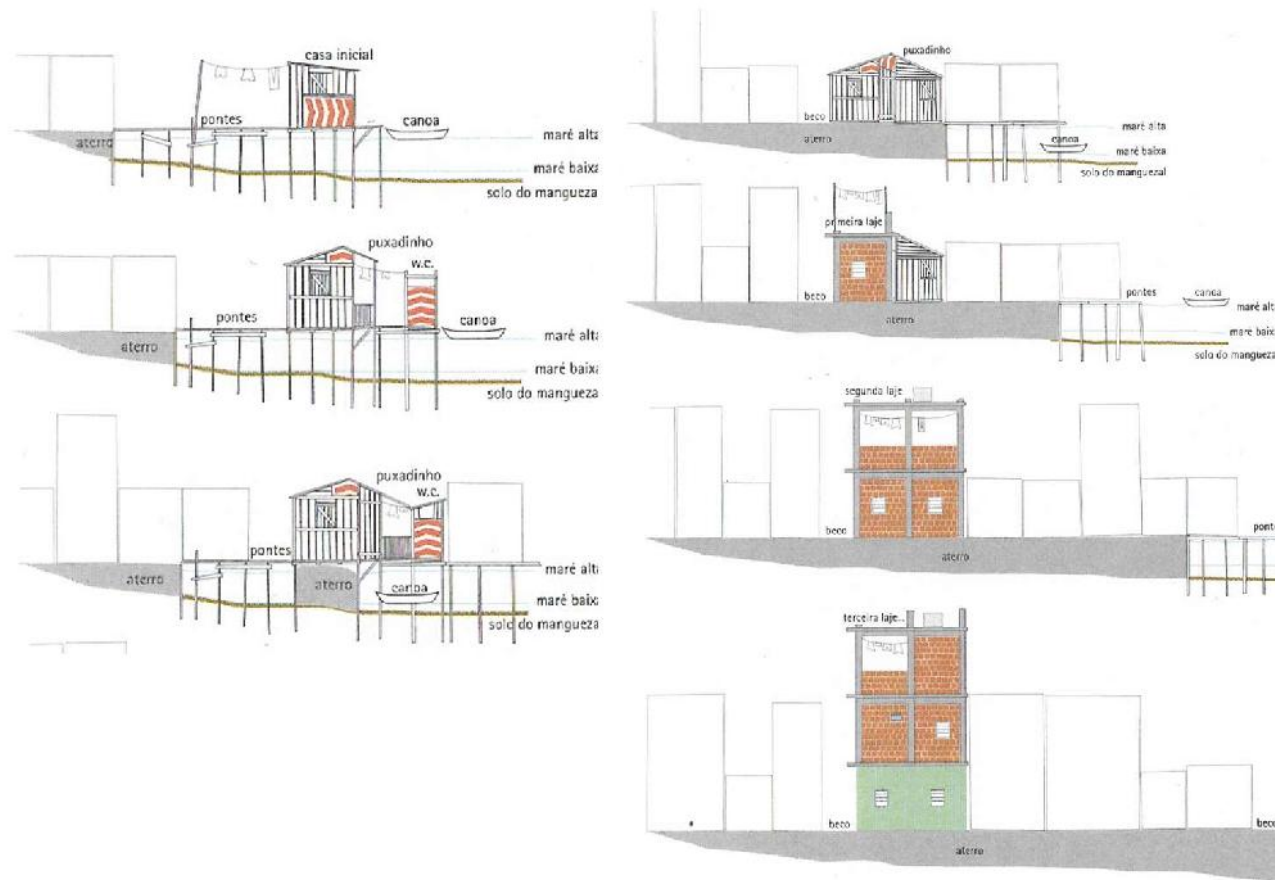


Legenda: (A) Equador; (B) Colômbia; (C) Brasil; (D) Venezuela; (E) Chile. Fontes: VILLOTA, M., (2014); BAHAMÓN, A., & ÁLVAREZ, A., (2009); SALGADO, V., (2017).

2 Entre as águas e o meio urbano: palafitas

2.2 As palafitas do Brasil

Evolução arquitetônica



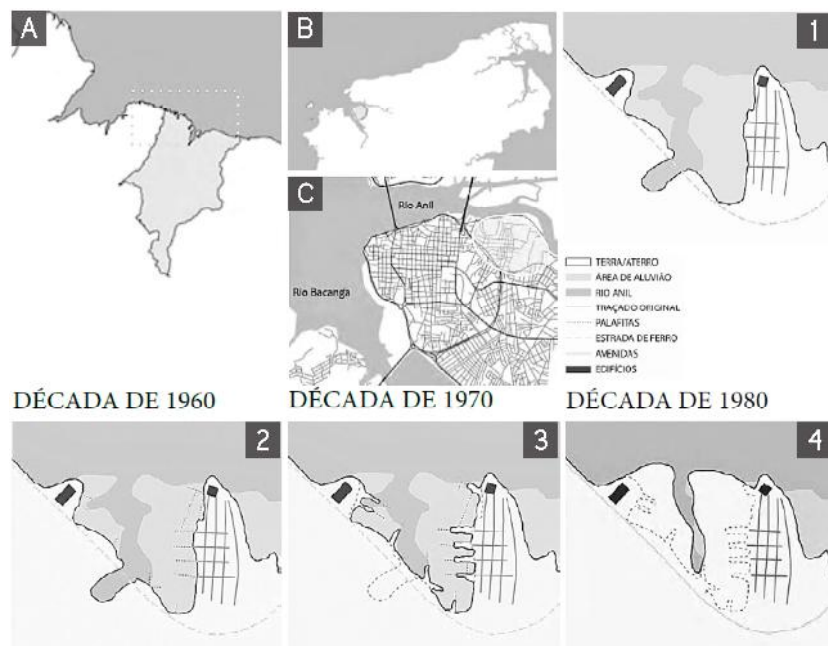
A ocupação inicial do Parque Maré data de 1950, porém, apenas uma década mais tarde, após o Projeto Rio, houve de fato a consolidação da comunidade. O advento do projeto removeu as palafitas ocasionando um decréscimo populacional e drástica mudança na forma de habitar. (JACQUES et. al., 2002, p. 36).*

Fonte: VARELLA, D., BERTAZZO, I., & JACQUES, P. 2002.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

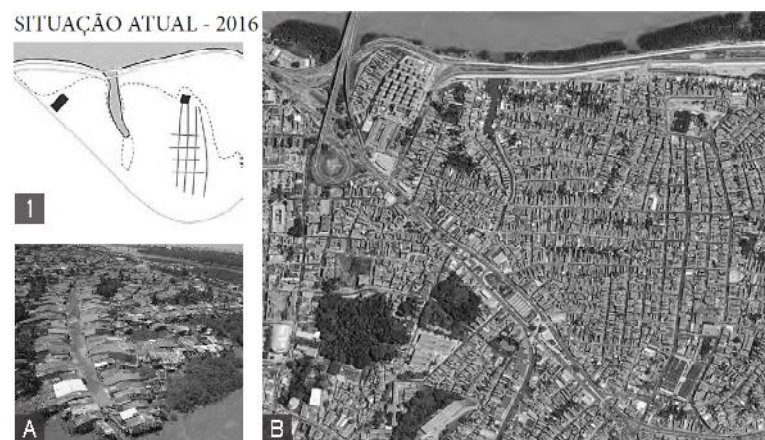
2 Entre as águas e o meio urbano: palafitas

2.2 As palafitas do Brasil



Legenda: (A) Maranhão no Brasil; (B) Sítio de fundação da cidade de São Luís; (C) Centro histórico e localização da favela; (1) Região do mangue sem palafitas em 1955; (2) Franjas de palafitas começam a avançar para o interior do mangue, no seguimento das ruas existentes; (3) Começam os aterros lineares feitos pelos moradores. Prosseguem as palafitas; (4) Grande aterro por dragagem feito no âmbito de um programa de urbanização não concluído. Fonte: SILVA, J., & KAPP, S., 2016.

Segundo contaram vários moradores, os aterros começavam linearmente pelas vias de madeira e logo se expandiam para a frente das casas, que assim podiam ganhar uma fachada de alvenaria, mas permaneciam com os fundos sobre estacas e abertos para a água, o que permitia o acesso direto dos barcos de pesca e o escoamento dos esgotos (SILVA & KAPP, 2016, p. 1113).



Legenda: (1) Ampliação do aterro e construção de avenida marginal ao rio (PAC Rio Anil). Algumas palafitas permanecem, bordejando o canal, agora mais estreito e curto; (A) Diferentes fases da construção de uma rua: ponte de madeira, aterro e asfalto (2008); (B) Imagem de satélite, 2016 (Google Earth). Fonte: SILVA, J., & KAPP, S., 2016.

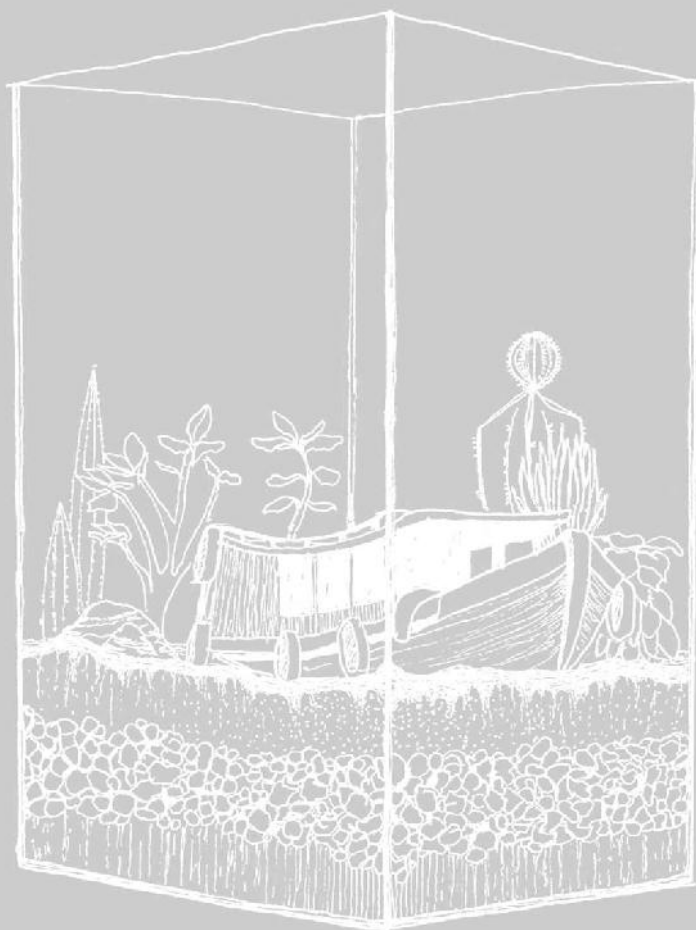
2 Entre as águas e o meio urbano: palafitas

2.2 As palafitas do Brasil

Em Macapá, a investigação de moradias palafíticas urbanas, bem como no Rio de Janeiro e São Luís, envolve conflitos entre o homem e a cidade em várias dimensões, dentre elas o ambiental e o urbano, pois ao que tudo indica, em terrenos inundáveis foi possível estabelecer-se mesmo diante de questões sociais como a pobreza e exclusão.



Legenda: O desmembramento dos elementos construtivos de palafitas em Macapá; o uso do jirau para preparação dos alimentos; a morfologia habitação em interação com o ambiente local, a protuberância na parte posterior é o jirau em vista externa. Fonte: SALGADO, V. & CARVALHO, B., 2017.



3 DINÂMICAS DA URBANIZAÇÃO EM SANTANA

Breve histórico
Evolução urbana de Santana-AP

Localização e contextualização da área de estudo

Localização da cidade
Contextualização da orla fluvial e portos
Dinâmicas de acessos a área de estudo
Área delimitada para estudo

Legislação pertinente à área de estudo

Plano Direto Participativo de Santana (PDPS)
Zoneamento Urbano de Santana
Parâmetros urbanísticos para ZIP-1

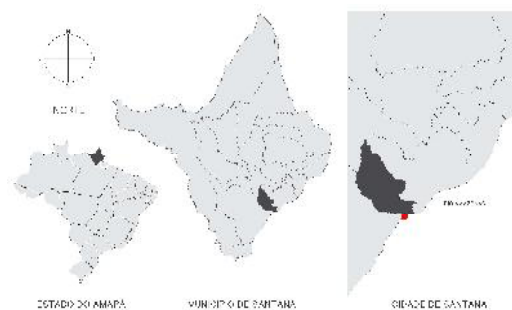
CAPÍTULO III

3 Dinâmicas da urbanização em Santana



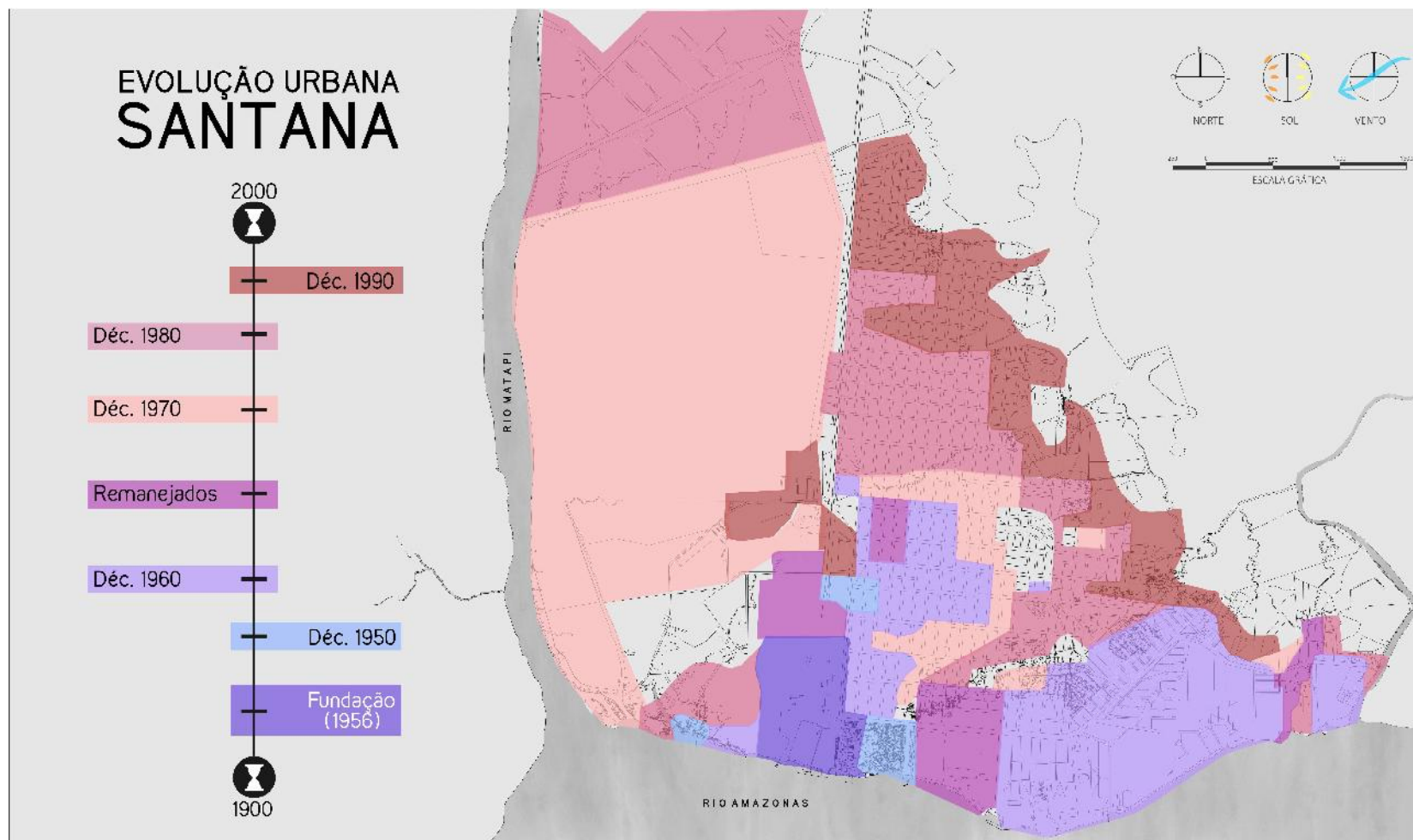
Legenda: (A) Comunidade Ribeirinha Delta do Matapi; (B) Comunidade Ribeirinha Vila Elesbão; (C) Porto da Petrobrás e Porto da Zenin; (D) Porto do Grego; (E) Porto da Souzamar/Silmar; (F) Porto da CDSA; (G) Estádio de Futebol Augusto Antunes; (H) Vila Amazonas - Staff; (I) Porto de Passageiros/Carga; (J) Atracadouros Igarapé da Fortaleza. Base de dados: VIANA (2016). Base cartográfica: Google Earth (2017). Elaboração: SALGADO, V., 2018.

O contexto migratório da região foi impulsionado devido ao histórico de fundação político-administrativo dos antigos territórios federais da era Vargas, sendo efetivamente criado em 1943 o Território Federal do Amapá. O progresso do município, que na época era distrito de Macapá, ganhou ascendente projeção com a instalação de projetos para extração de manganês (1956) em Serra no Navio (VIANA, 2016).



Base cartográfica: IBGE. Elaboração: SALGADO, V., 2018.

3 Dinâmicas da urbanização em Santana

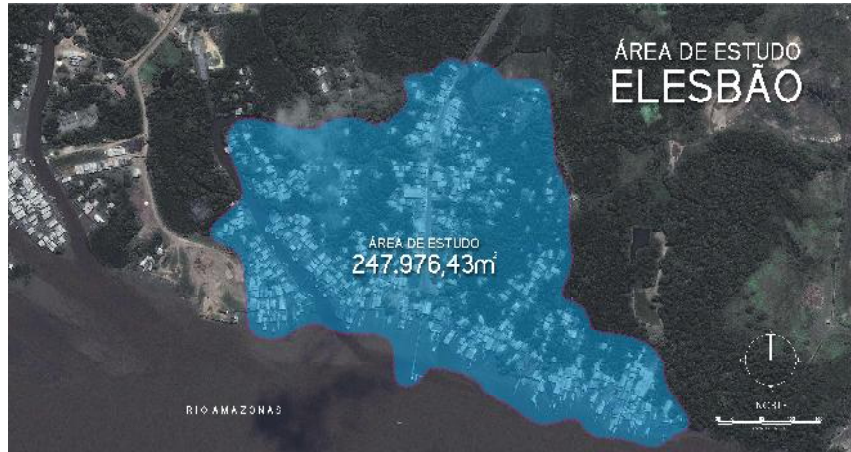


Base cartográfica: PDPS (2006) e SANTIAGO (2017). Elaboração: SALGADO, V., 2018.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

3 Dinâmicas da urbanização em Santana

3.1 Localização e contextualização da área de estudo



Sobretudo, o que pode-se chamar de beira-rio da Vila Elesbão é a principal microrregião de interesse para pesquisa e intervenção arquitetônica-urbanística. É neste ponto de transição entre o rio e a cidade que ocorre “o que é ribeirinho”, paisagem de embarcações, palafitas, açazais, píeres e estaleiros, em território urbano.

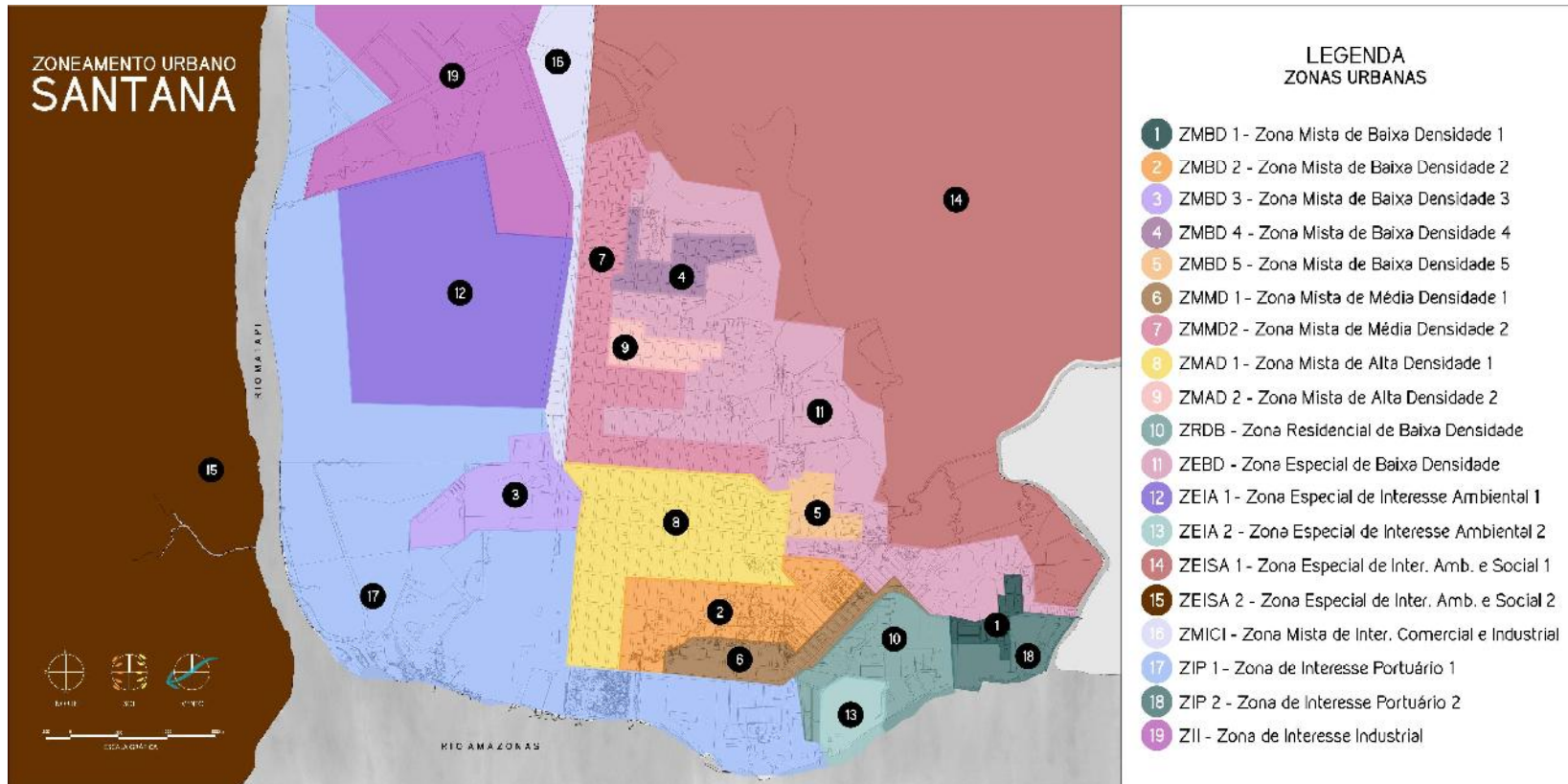
A área delimitada para o estudo compreende basicamente toda a beira-rio palafítica e a área edificada às margens do Ramal de acesso. A área foi estipulada em **247.976,43 m²** e o perímetro de abrangência foi definido através de consulta aos moradores, que identificaram as fronteiras do local que denominam como “Vila Elesbão”.



Legenda: (A) Porto da Zanin; (B) Porto do Grego; (C) Souzamar/Silmar; (D) Porto da CDSA. Base cartográfica: Google Earth (2017). Elaboração: SALGADO, V., 2018.

3 Dinâmicas da urbanização em Santana

3.2 Legislação pertinente a área de estudo



Base cartográfica: PDPS (2006). Elaboração: SALGADO, V., 2018.

A área de estudo pertence à porção urbana do território do município e está regida pelo Macrozoneamento Urbano, que é subdividido em dez zonas distintas.

3 Dinâmicas da urbanização em Santana

3.2 Legislação pertinente à área de estudo

Fatores de Incomodidades Níveis de Incomodidade	Localização	Poluição Sonora	Poluição Atmosférica	Poluição Hídrica	Geração de Resíduos Sólidos	Vibração
Incômoda II	Vias Metropolitanas Vias Arteriais Vias Coletoras Secundárias ZIP-1; ZIP-2; ZII; ZMCI	diurna 60 db noturna 55 db	Emissão de substâncias odoríferas na atmosfera <u>Obedecer legislação vigente</u>	<u>Obedecer legislação vigente</u>	Classes II e III (Resolução CONAMA 3 08/02)	Resolve dentro do lote (NBR 10.273/AB NT)

Fonte de dados: PDPS (2006). Elaboração: SALGADO, V., 2018.

O PDPS estabelece os padrões de incomodidades admissíveis, ou seja, estipula, a partir de níveis de incomodidade, os limites de poluição sonora, poluição atmosférica, poluição hídrica, geração de resíduos sólidos e vibrações.

Zona	Usos (1)		Coeficiente de Aproveitamento			Taxa De Ocupação Máxima	Taxa de Permeabilidade
			Mínimo	Básico	Máximo		
ZIP-1 ZIP-2	Residencial	Unifamiliar	-	1,50	-	70%	15%
		Multifamiliar	-	2	2,5	(2)	15%
	Não-residencial		-	1,50	3	%	20%

Notas:

1 – É obrigatório recuo de frente de 3m.

2 – Utilizar o Quadro 3 (Índices, recuos e demais restrições para o uso residencial multifamiliar na macrozona urbana).

Fonte de dados: PDPS (2006). Elaboração: SALGADO, V., 2018.

Em complemento às informações descritas neste quadro anterior, é apresentado no PDPS o Quadro de Índices, recuos e demais restrições para o uso residencial multifamiliar na macrozona urbana de Santana.



CAPITULO IV

4 VILA ELESBÃO

Historicidade

Egresso e consolidação
Cultura ribeirinha

Heranças construtivas

Carpintaria naval
Habitar sobre pilotis

Execução da pesquisa

Resultados (Infográficos)

4 Vila Elesbão

4.1 Historicidade

É contado pelos moradores mais antigos que o primeiro habitante da comunidade tinha o sobrenome Elesbão, e dele o igarapé herdou o nome de origem. Esta história é contada há mais de 60 anos, estimando o tempo de ocupação da vila, resguardando a memória ribeirinha que faz desta comunidade relevante à cultura e expressão da típica paisagem às margens de rios na Amazônia (AMOBEL, 2016, p.06).



Legenda: O que as cores do Elesbão revelam?
Foto: SALGADO, V., 2017.

4 Vila Elesbão

4.1.1 Egresso e consolidação

Segundo o IPHAN (2011, p. 12), entre o fim da década de 1940 e início da década de 1950 as primeiras famílias chegaram, atraídas pelas propostas de povoamento e integração nacional dos antigos Territórios Federais, como foi o caso do Amapá (1943-1988).



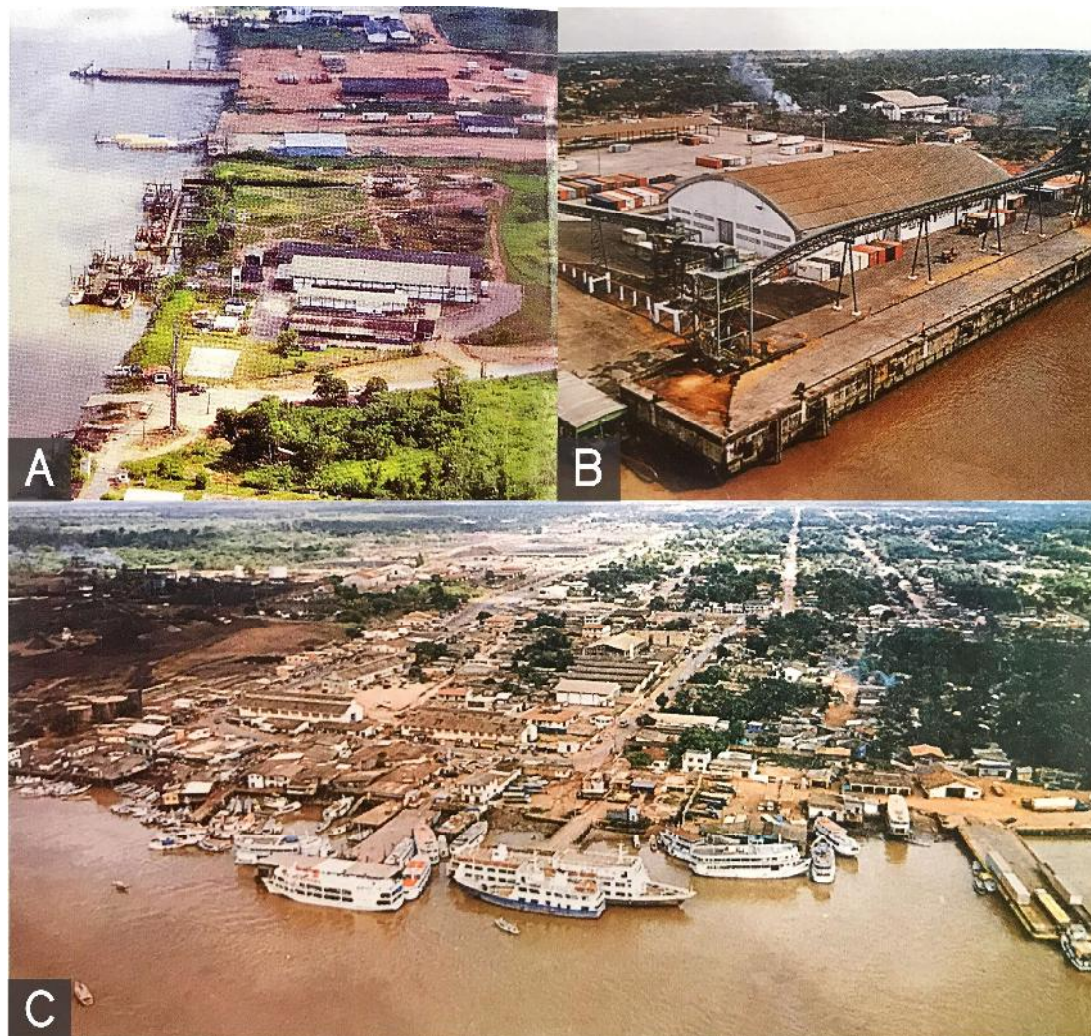
Legenda: (A) Espaços de circulação; (B) habitação palafíticas com pier; (C) pescador jogando a malha. Imagens da Vila Elesbão. Fotos: SALGADO, V. 2017.

Segundo a AMOBEL (2016, p. 05-06), a princípio parecia apenas mais uma invasão de terra por pequenas famílias orientadas de várias localidades que procuravam um local, onde pudessem construir seus casebres, sem meras proporções.

4 Vila Elesbão

4.1.1 Egresso e consolidação

A partir da década de 1980 o Complexo Portuário de Santana inaugurou suas primeiras para dar suporte a atividade de mineração que acontecia no interior do estado. Em 1992 a inauguração da Área de Livre Comercio de Macapá e Santana potencializou o contexto migratório de transferências de populações em busca de oportunidades, a fins de superar a fase de declínio da exploração de manganês.



Legenda: (A) Orla fluvial e portos; (B) Porto de Santana - CDSA; (C) Vista aérea de Santana. Fonte: SUFRAMA & PRISMATIC, 1997.

4 Vila Elesbão

4.2 Cultura ribeirinha

Neste sentido, apesar de urbana, a Vila Elesbão ainda pratica atividades e costumes comuns a realidades de comunidades rurais na Amazônia. O estudo de MORÁN (1990) apud LIRA et. al. (2015, p. 72) evidencia que o caboclo pode ser o ribeirinho, o coletor de seringa ou de castanha, horticultor, canoeiro e pescador, normalmente subsistindo de várias ou algumas dessas atividades, isto é, uma população tradicional que herdou os saberes das populações indígenas que habitam a região, desde momentos que antecedem ao processo de colonização.



Legenda: Pôr-do-sol às margens do rio Amazonas, na Vila Elesbão. É a hora de decidir qual cenário ideal para as cidades ribeirinhas do Amapá. Foto: SALGADO, V., 2017.

4 Vila Elesbão

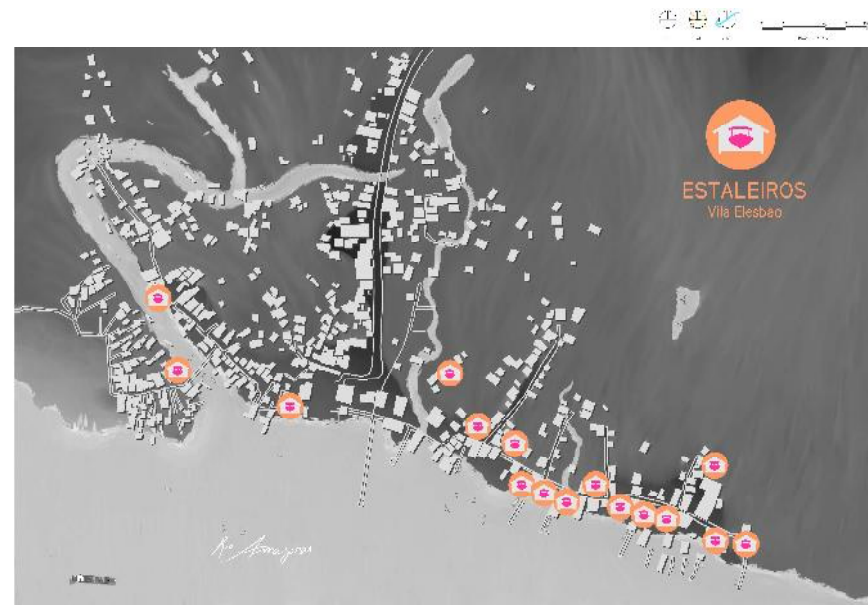
4.3 Heranças construtivas

4.3.1 Carpintaria naval



Legenda: (A) estaleiro e barco em construção; (B) estaleiro de construção naval; (C) embarcações sendo produzidas na Vila Elesbão. Fotos: SALGADO, V. 2017.

A região, antes da chegada dos portugueses, era habitada por diversas etnias indígenas que dominaram a técnica de transformarem troncos em canoas - Ubás e Igaritês, para deslocamento, guerra e acesso à vasta diversidade de recursos naturais disponíveis, principalmente a coleta de frutos, ervas, caça e pesca que garantiam a subsistência de sua tribo (IPHAN, 2011, p. 30).

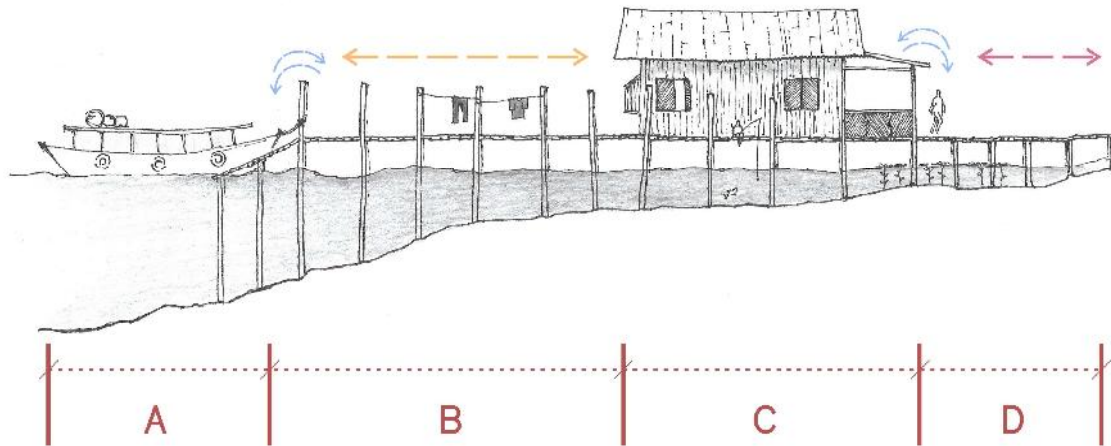


Base de dados cadastrais: IPHAN, 2011. Base cartográfica: SEINF (GEA), 2016. Elaboração: SALGADO, V., 2018.

4 Vila Elesbão

4.3 Heranças construtivas

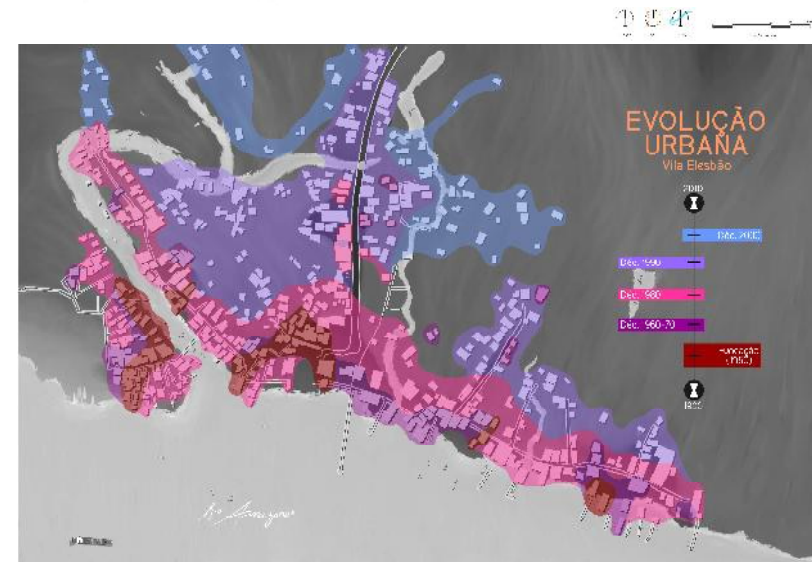
4.3.2 Habitar sobre pilotis



Legenda: (A) Embarcação familiar de uso particular; (B) Pier de circulação privada aos moradores da residência; (C) Habitação popular palafítica; (D) Passarela de circulação pública. Elaboração: SALGADO, V., 2018.

O que conduziu esta configuração espacial, ao que tudo indica, foi o domínio de técnicas palafíticas, que permite a ocupação de áreas alagáveis e o acesso terrestre aos equipamentos urbanos presentes em outras regiões de Santana.

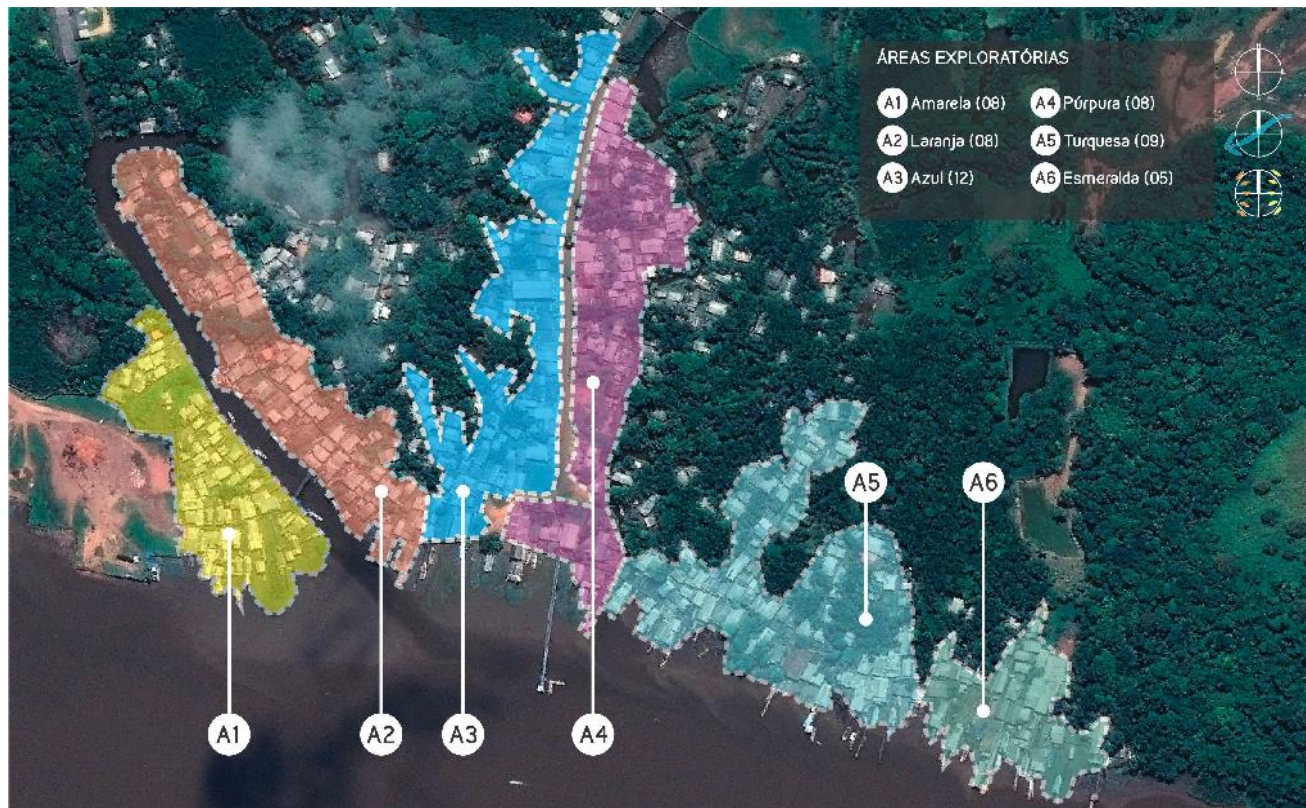
Legenda: Projeções de expansões urbanas no processo de consolidação. Base de dados cadastrais: TAKAMATSU, 2014. Base cartográfica: SEINF (GEA), 2016. Elaboração: SALGADO, V., 2018.



4 Vila Elesbão

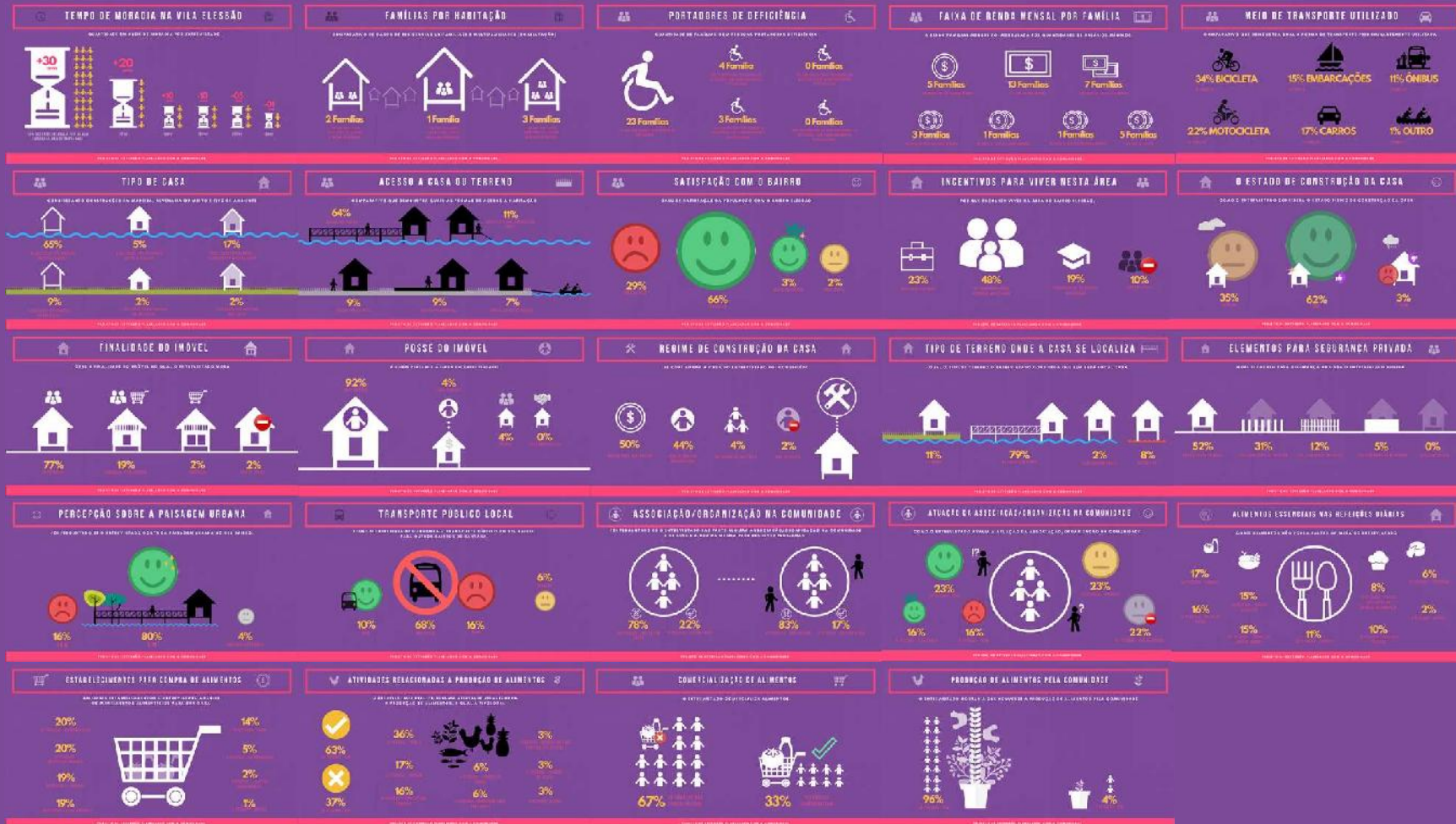
4.4 Execução da pesquisa

A execução da pesquisa quantitativa e qualitativa foi realizada no Projeto de Extensão Planejando com a Comunidade durante o período de outubro, novembro e dezembro de 2017 até janeiro de 2018 na Vila Elesbão. As 52 questões elaboradas estavam categorizadas em: perfil dos residentes, tempo de ocupação do morador, características físicas e usos da habitação, características das vias públicas, características físicas e usos do terreno da habitação, usos dos espaços públicos e suas relações sociais e de lazer, e hábitos de vida relacionados à alimentação.



4 Vila Elesbão

4.4 Execução da pesquisa: Resultados (Infográficos)



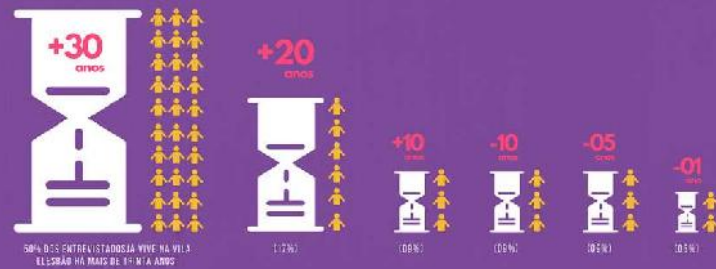
Elaboração: SALGADO, V., SILVA, V., 2018.

4 Vila Elesbão

4.4 Execução da pesquisa: Resultados (Infográficos)

TEMPO DE MORADIA NA VILA ELESBÃO

QUANTIDADE EM ANOS DE MORADIA POR ENTREVISTADO



50% DOS ENTREVISTADOS JÁ VIVE NA VILA ELESBÃO HÁ MAIS DE 30 ANOS

(12%)

(8%)

(8%)

(8%)

(8%)

PROJETO DE EXTENSÃO PLANEJANDO COM A COMUNIDADE

Elaboração: SALGADO, V., SILVA, V., 2018.

REGIME DE CONSTRUÇÃO DA CASA

DE QUAL FORMÁ A CASA DO ENTREVISTADO FOI CONSTRUÍDO



NÃO DE OBRA CONTRATADA

NÃO DE OBRA DE CONTRATAÇÃO

EM REGIME DE ALUGUEL

NÃO SE APLICA

PROJETO DE EXTENSÃO PLANEJANDO COM A COMUNIDADE

Elaboração: SALGADO, V., SILVA, V., 2018.

MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO

COMPARATIVO QUE DEMONSTRA QUAL A FORMA DE TRANSPORTE PREDOMINANTEMENTE UTILIZADA



(19 FAMÍLIAS)

(10 FAMÍLIAS)

(7 FAMÍLIAS)

(14 FAMÍLIAS)

(11 FAMÍLIAS)

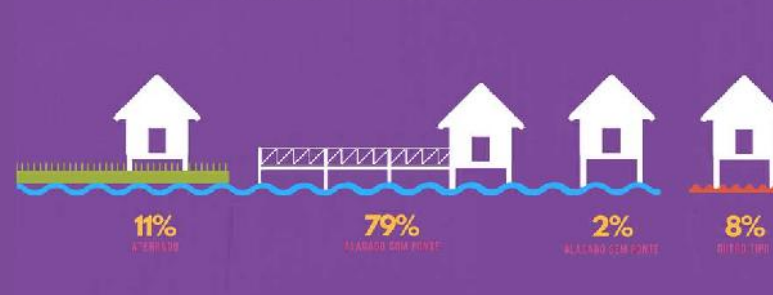
(1 FAMÍLIA)

PROJETO DE EXTENSÃO PLANEJANDO COM A COMUNIDADE

Elaboração: SALGADO, V., SILVA, V., 2018.

TIPO DE TERRENO ONDE A CASA SE LOCALIZA

QUAL O TIPO DE TERRENO O ENTREVISTADO CONSIDERA QUE SUA ESTÁ LOCALIZADA



11%

79%

2%

8%

PROJETO DE EXTENSÃO PLANEJANDO COM A COMUNIDADE

Elaboração: SALGADO, V., SILVA, V., 2018.

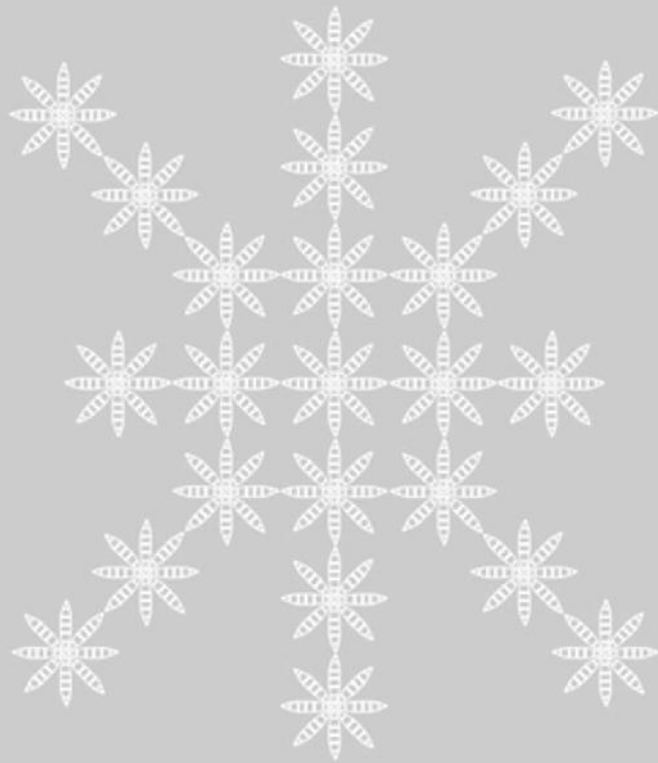
5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

Estação Chão d'Água

Sede Provisória AMOBEL
Estudo técnico preliminar
Influências Projetuais
Projeto Arquitetônico

Turismo Comunitário

Projetos de TBC na Amazônia
Simulação da proposta de TBC



CAPÍTULO V

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

Desde a premissa inicial até este ponto, os estudos e análises desenvolvidas foram essenciais para dar corpo as decisões mais viáveis à realidade da localidade em questão, sendo assim a proposta que se realiza nesta quinta etapa é o projeto arquitetônico denominado **Estação Chão d'Água**. Além de projetar para a comunidade, é apresentado o **Turismo de Base Comunitária** (TBC), como alternativa de economia colaborativa que utiliza os recursos disponíveis sustentavelmente.

Antes de qualquer ideia esboçada como prelúdio de um projeto arquitetônico, ou nem sequer um tema delineado, a vivência e paisagem local da Vila propiciaram a principal inquietação: **como valorizar as palafitas do Elesbão?**

O conjunto de razões que contemplam o planejamento arquitetônico deste projeto e proposta de desenvolvimento local reúne **dez termos que fundamentam a temática principal**, a fim de constituir um caminho para metodologia de adoção do partido, ainda que distante de uma forma ou elemento construtivo esclarecido, em suma, é inspirada nos objetivos da **Agenda 2030** para o Desenvolvimento Sustentável (ONU).



I. Cultura local



II. Meio ambiente



III. Justiça social



IV. Coletividade



V. Uso público



VI. Materiais regionais



VII. Inovação



VIII. Acessibilidade



IX. Autogestão comunitária



X. Apropriação

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

5.1 Estação Chão d'Água

O tema escolhido para o projeto arquitetônico **não compreende apenas a uma finalidade**, e se distribui em diversas funções coerentes aos termos abordados anteriormente, o que denota complexidade e atribuiu grandes dificuldades ao processo de concepção. Existem duas finalidades indispensáveis ao projeto da estação: **ser suficiente às atividades da AMOBEL e valorizar a cultura local**. Isto é, atender as necessidades administrativas da associação e também oferecer espaços de apoio àquilo que se produz na Vila Elesbão.



Foto: SALGADO, V. 2017.

A denominação “chão d’água” é a direta conexão com o **contexto hídrico da região amazônica** e ao modo de vida local, uma alegoria linguística de referência a **presença dos rios como via de circulação principal**, tal qual o “chão seco” ou “chão de terra” em locais com modos outros. Por definição, “estação”, enquanto elemento edilício, corresponde a função de embarque e desembarque de passageiros, que pode variar em escalas e tipos de modais de transporte, inclusive o fluvial. A intenção do projeto é também atender a demandas específicas para embarcações de pequeno porte, verificou-se que neste tipo de território esta forma de deslocamento é comum. Então faz-se necessário utilizar este conceito de arquitetura, tanto quanto ampliá-lo.

5. Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

5.1 Estação Chão d'Água

5.1.1 Sede Provisória AMOBEL

Prestes a acumular cinco anos de atividades, a sede provisória da AMOBEL permanece dentro da residência do Presidente Raimundo Moraes, na Passarela Raimundo Ferreira de Lima nº25. As reuniões e armazenamentos dos materiais são realizados ali. Também na sede provisória é feito o tratamento de água com aditivo de sulfato fornecido pela CAESA, ocorre que mais de 200 famílias não tem acesso de água tratada que é coletada pela adutora do bairro. Portanto a AMOBEL atua como facilitadora, destinando as famílias água tratada em camburões transportáveis. Existe a necessidade de criação de um espaço próprio a esta atividade e assim proceder com mais eficiência.

A residência possui aproximadamente 78m², incluindo o pavimento superior, e apesar do Sr. Moraes ser o único morador fixo, cerca de 50% do interior da habitação serve de espaço/uso da AMOBEL. São cinco ambientes distribuídos em três setores, é possível visualizar no Layout a configuração espacial em plano horizontal, em que o uso "administrativo" é localizado na área social/sala de estar, e na cozinha são encontrados os equipamentos e camburões para tratamento de água. No pavimento superior fica o "depósito" da AMOBEL, além da suíte e varanda.

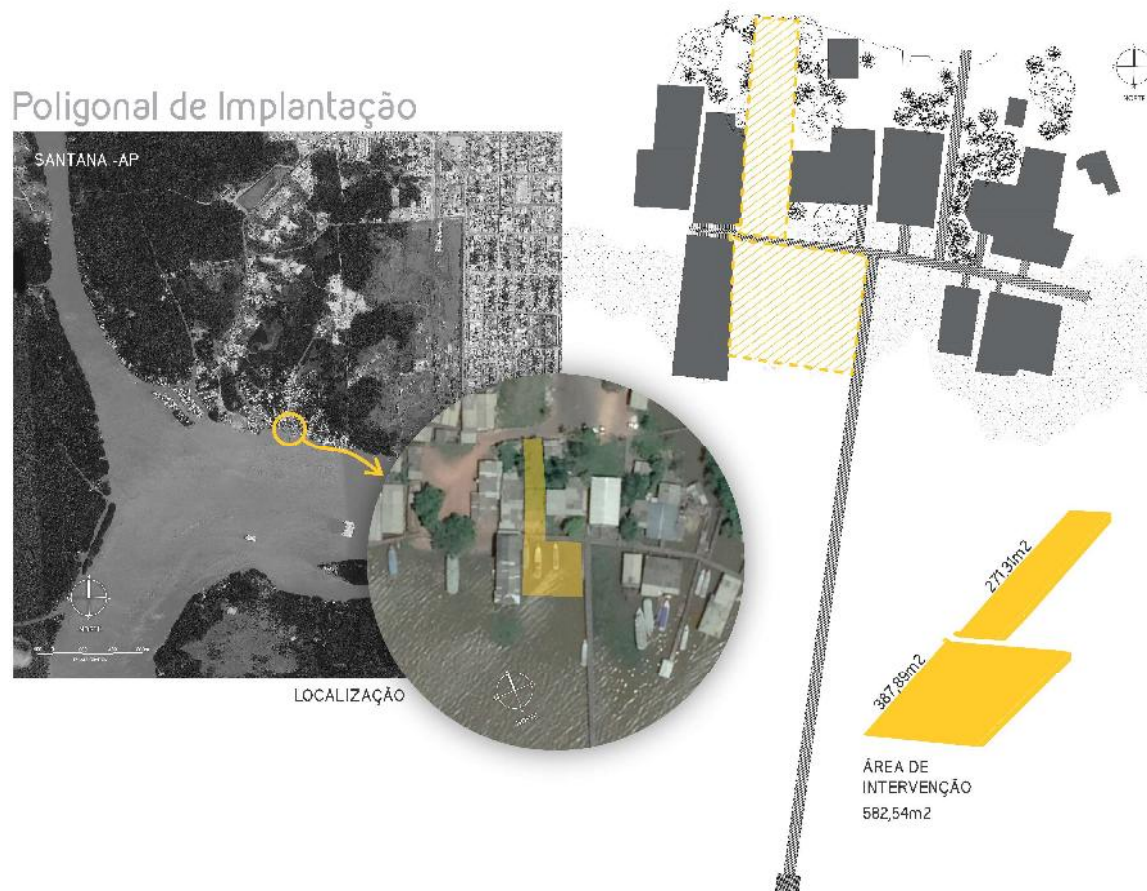


Legenda: (1) Sala/Administrativo/Reuniões; (2) Cozinha/Serviço; (3) Banheiro; (4) Sala/Depósito; (5) Dormitório; (6) Sanitário; (7) Varanda. Foto [E]: GATINHO JUNIOR; Demais Fotos: SALGADO, V. 2018.

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

5.1 Estação Chão d'Água

5.1.2 Estudo técnico preliminar ao projeto



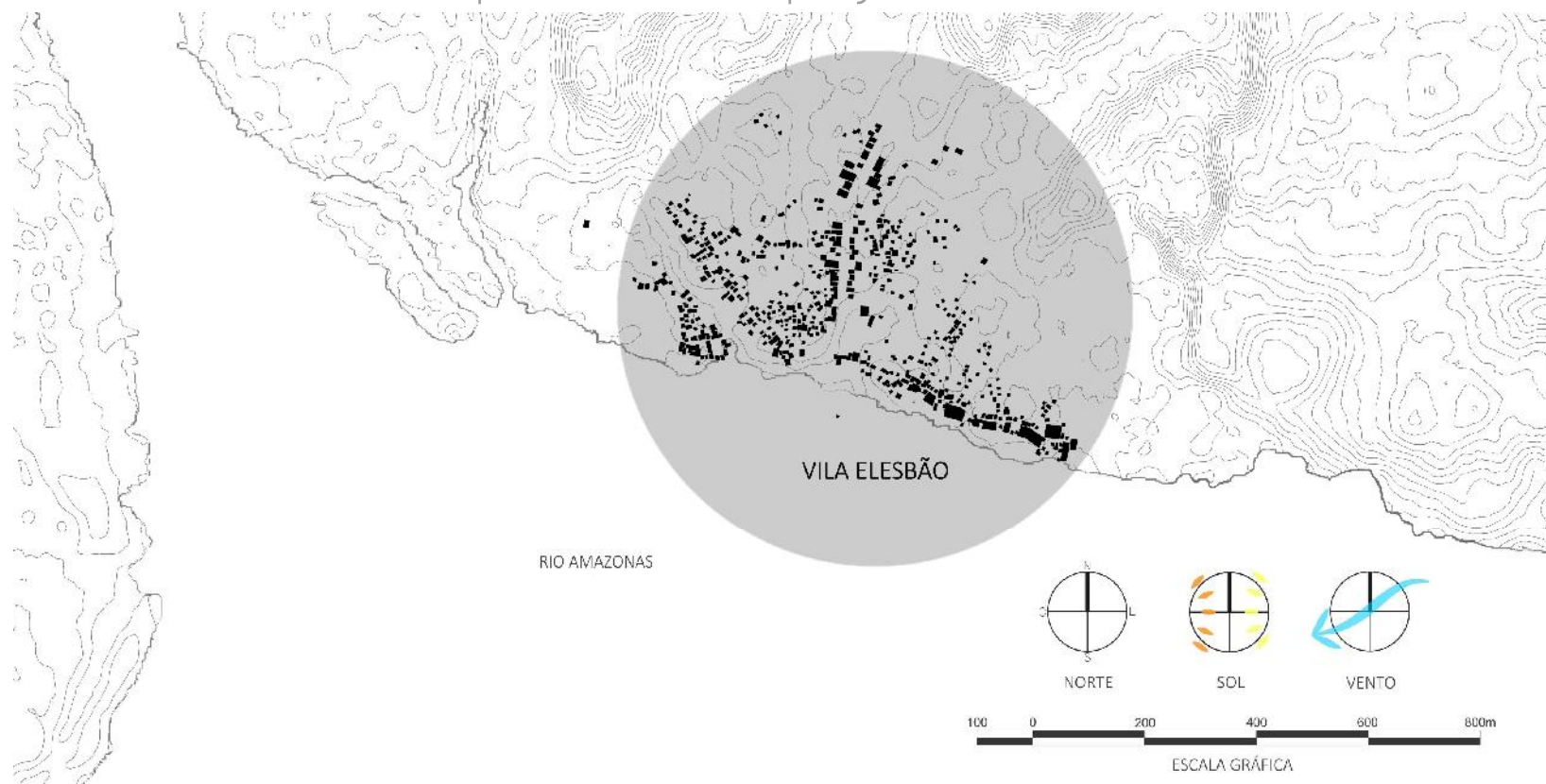
Perante os dados qualitativos, é esclarecido o desejo por implantação do projeto na orla da Vila Elesbão, privilegiando a presença do rio Amazonas diante o uso da técnica palafítica. Portanto, após buscas e comparativos *in loco* foi definida a **poligonal do lote** compreendido na várzea de curso d'água, **fracionada em duas porções devido a travessia existente**, a Passarela Manoel Cesário. O fragmento sul é limítrofe ao trapiche público (base adutora de água bruta) e a escola municipal de ensino infantil, e o fragmento norte é margeado por habitações e faz acesso por meio da fachada norte ao Ramal da Olaria, via principal de tráfego terrestre.

Fonte: SALGADO, V. 2019.

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

5.1 Estação Chão d'Água

5.1.2 Estudo técnico preliminar ao projeto



Fonte de dados: SEMA (GEA) e SEINF (GEA). Elaboração: CHUMA, V. & SALGADO, V. 2019

As curvas de nível, de acordo com a topografia da região costeira de Santana, demonstram a planície costeira uma vez que as linhas estão ajustadas para rastrear desníveis a cada 0,5m, com baixa variação de altitude e larga distância horizontal, configurando declividade abaixo de 1%. Sendo assim, um sítio com dificuldades de drenagem onde mantém-se o alagado por muitos meses do ano, em estação de chuvas intensas, comuns ao clima equatorial.

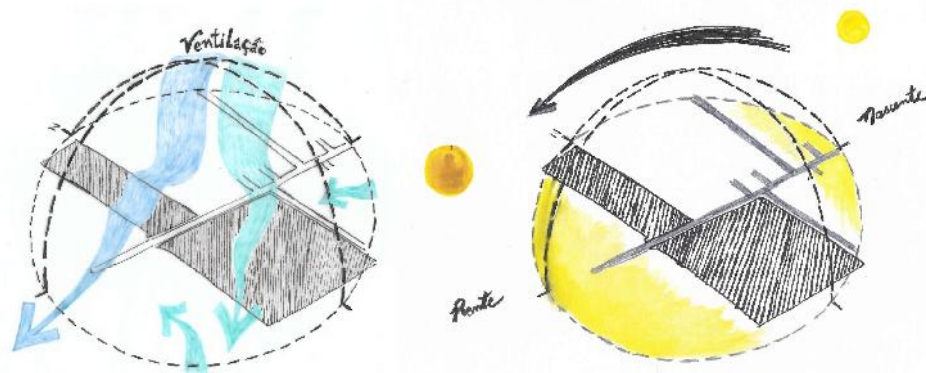
5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

5.1 Estação Chão d'Água

5.1.2 Estudo técnico preliminar ao projeto



A ventilação do tipo brisa presente na orla do bairro age como uma fonte de umidade para atmosfera, auxiliando no resfriamento do conjunto edificado e provendo amenidades na estação mais quente, além da influência dos ventos predominantes oriundos do sentido nordeste-sudoeste. O microclima local é duplamente influenciado pelos astros, o Sol e a Lua. O calor e a luz intensos provenientes do Sol, aquecem e iluminam os dias, percorrendo uma trajetória perpendicular as maiores faces da poligonal de implantação. A Lua e suas fases sobem e descem as marés, grandes alagamentos são comuns em períodos de lua cheia e lua nova durante a estação chuvosa.



Fonte: SALGADO, V. 2019.

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

5.1 Estação Chão d'Água

5.1.2 Estudo técnico preliminar ao projeto



Fonte: SALGADO, V. 2019.

Os aspectos morfológicos e funcionais, além dos climáticos e naturais, são relevantes as análises sujeitas a poligonal de implantação e seu entorno imediato. O uso habitacional prevalece entre as categorias encontradas, em solo ou sobre as águas, todas partilham da característica palafítica.



Fonte: SALGADO, V. 2019.

A poligonal é vizinha a uma das poucas edificações com mais de dois pavimentos dentro do bairro e serve de uso institucional à população pois é a sede da escola municipal de ensino infantil do bairro, um improviso ofertado pela prefeitura. As demais edificações identificadas no entorno imediato são de pavimento térreo apenas. O conjunto edificado quando posto em contraste com a arborização do entorno reafirma a presença da floresta dentro do bairro, e que deve ser preservada.

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

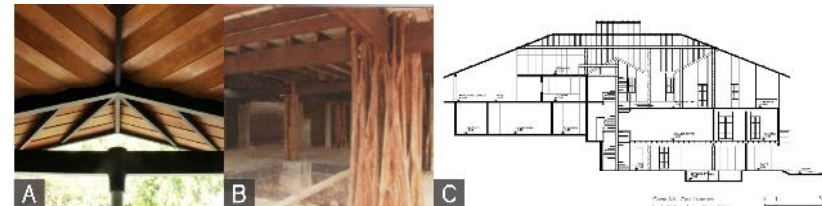
5.1 Estação Chão d'Água

5.1.3 Influências projetuais

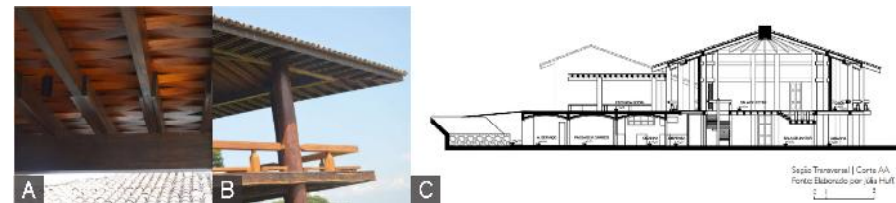
Arquiteturas do artesão - Zanine Caldas, Brasil



Legenda: (A) Residência Bettiol e planta de situação; (B) Residência Laurence e planta de situação; Zanine Caldas ao centro. Fotos: CHAIM, G. e GHENO, G. Fonte: CHAIM, G. 2017.



Legenda: (A) Forro área externa; (B) Pilar maciço de madeira com nervuras; (C) Seção Transversal da residência. Fotos: GHENO, G. Fonte: CHAIM, G. 2017.



Legenda: (A) Forro área Externa; (B) Varanda da ponta; (C) Seção Transversal da residência. Fotos: CHAIM, G. Fonte: CHAIM, G. 2017.

Dois projetos de Zanine Caldas são inspirações para este trabalho a respeito do uso a madeira em projetos de arquitetura. Ambas em Brasília-DF, são residências projetadas e construídas pelo próprio: Residência Bettiol (1974) e Residência Laurence (1984). A escolha dos projetos é baseada nas técnicas e materiais utilizados em elementos da construção, não é prioridade do trabalho fazer análise dos usos e contexto histórico da edificação.

As construções elaboradas com genialidade e destreza por culminam em resultados artísticos, em que a técnica tradicional é elevada à sofisticação orgânica e acolhedora. As casas de Brasília apresentadas são exemplos de projetos que serviram de inspiração para o projeto Estação Chão d'Água, o qual exige a mesma visão sensorial e artesanal da obra.

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

5.1 Estação Chão d'Água

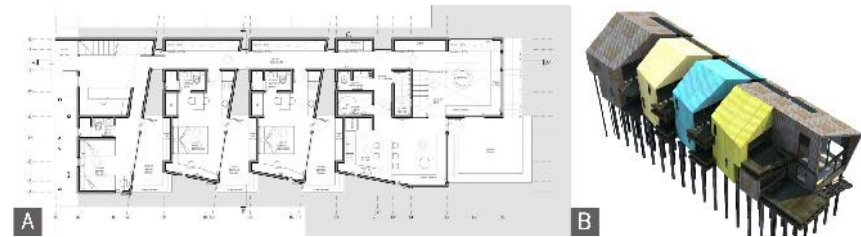
5.1.3 Influências projetuais

Arquiteturas palafíticas - Órtuzar Gebauer Arquitectos, Chile

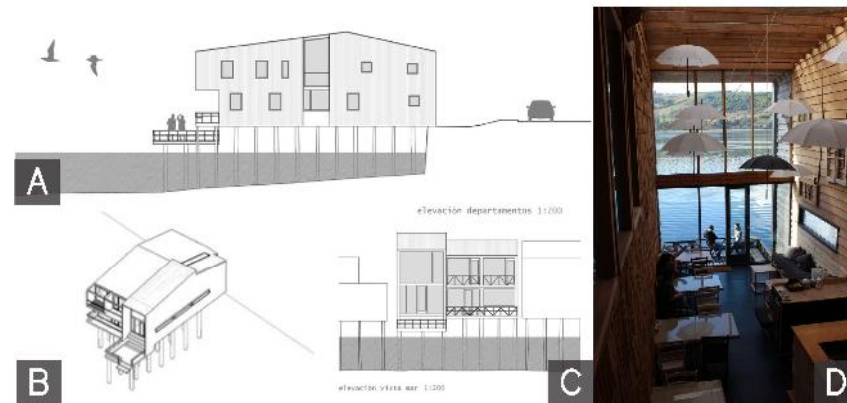


Legenda: (A) Hotel Palafito Del Mar e planta de situação; (B) Hotel e Cafeteria Patio Palafito e croqui; Eugenio e Tânio ao centro. Fotos: CASALS-AGUIRRE, P. (2015) e ÓRTUZAR, E. (2013) Fonte: ARCHDAILY. 2015.

Os projetos abordados aqui, entre os mais de trinta realizados pelo escritório, são empreendimentos de caráter turístico. O Hotel Palafito Del Mar, entregue em 2013, fica em Quellón (Castro, Chile). E o outro projeto, Patio Palafito (2015), fica na mesma ilha e se caracteriza pela proposta de revitalização e utilização cultural das áreas sociais.



Legenda: (A) Layout pav. térreo; (B) Perspectiva do projeto. Fonte: ARCHDAILY. 2013.



Legenda: (A) Elevação de fachada dos dormitórios; (B) Perspectiva do projeto; (C) Fachada de decks e varandas com vistas ao estuário de Castro; (D) Área pública interna da edificação. Foto: CASALSAGUIRRE, P. Fonte: ARCHDAILY. 2015.

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

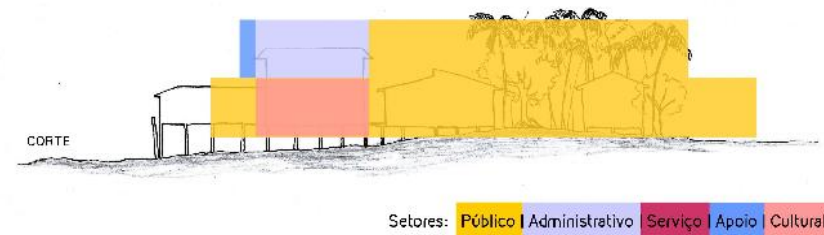
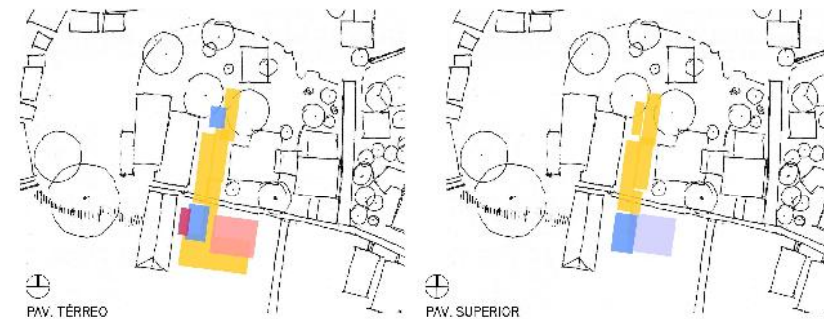
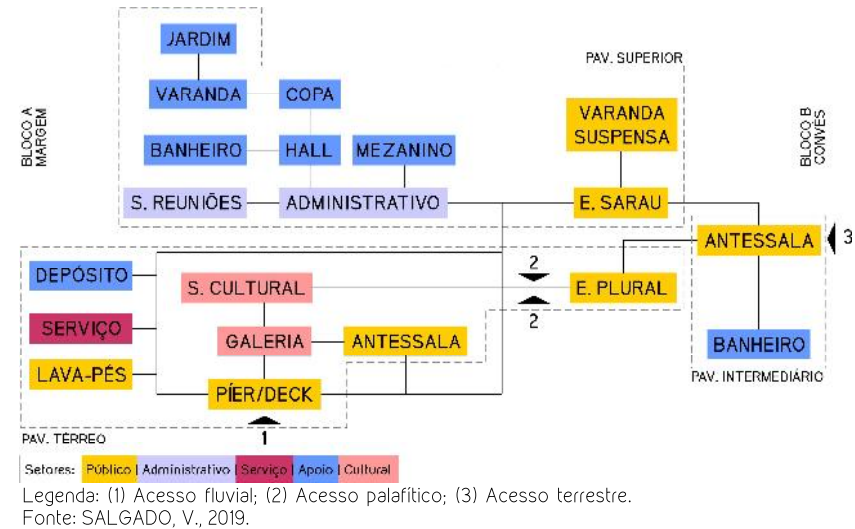
5.1 Estação Chão d'Água

5.1.3 Projeto arquitetônico

Programa Arquitetônico Estação Chão d'Água			
BLOCO A "MARGEM"		BLOCO B "CONVÉS"	
Item	Ambiente/Espaço	Item	Ambiente/Espaço
1	Administrativo	16	Espaço Plural
2	Sala de Reuniões	17	Espaço Sarau
3	Salão Cultural	18	Varanda Suspensa
4	Galeria	19	Banheiro
5	Antessala	20	Antessala
6	Pier/Deck		
7	Hall		Obs:
8	Mezanino		1. Apesar da divisão em blocos sugerir separação de elementos, estes não são anexos entre si, são parte de um mesmo corpo edificado unido por uma passarela.
9	Banheiro		2. As circulações são detalhadas no quadro de dimensões e funções.
10	Depósito		
11	Copa		
12	Varanda		
13	Jardim		
14	Lava-pés		
15	Serviço		

Fonte: SALGADO, V. 2019.

As aplicações das ideias foram representadas no caderno, a priori, e diante idas e vindas entre o material gráfico físico e digital, debruçando sobre as dimensões e proporções os incessantes ajustes revelaram a composição final.



Fonte: SALGADO, V. 2019.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL



Fonte: SALGADO, V. 2019.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local
5.1 Estação Chão d'Água
5.1.3 Projeto arquitetônico



Fonte: SALGADO, V. 2019.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

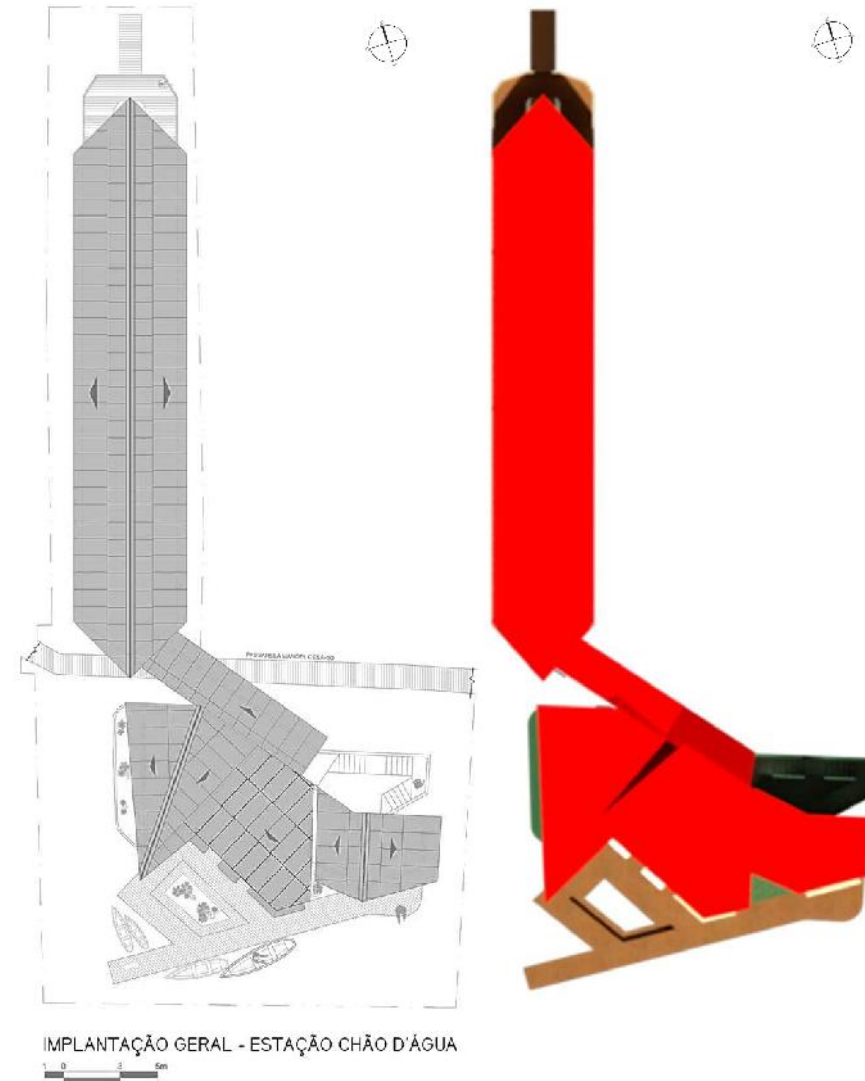
5.1 Estação Chão d'Água

5.1.3 Projeto arquitetônico

A forma final da edificação apresenta implantação com especificidades para cada bloco. Seguindo o traçado alongado do fragmento norte da poligonal, o Bloco B "Convés", e comprimindo-se a sul, o Bloco A "Margem".



Fonte: SALGADO, V. 2019.



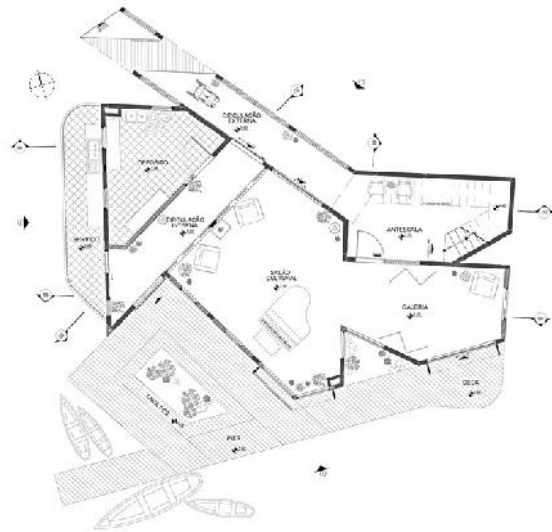
IMPLANTAÇÃO GERAL - ESTAÇÃO CHÃO D'ÁGUA

Fonte: SALGADO, V. 2019.

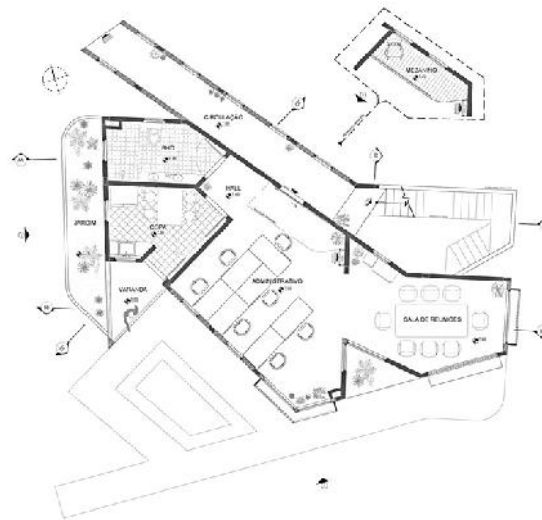
5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

5.1 Estação Chão d'Água

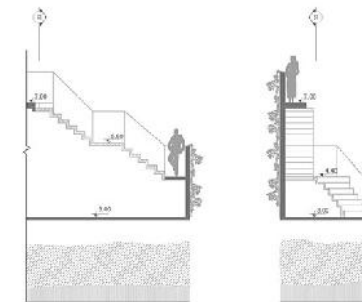
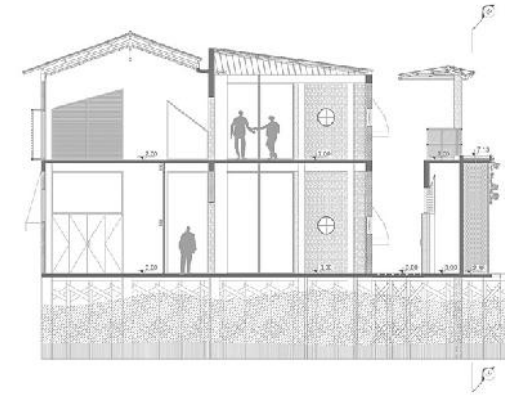
5.1.3 Projeto arquitetônico (Bloco A)



LAYOUT - PAV. TÉRREO



LAYOUT - PAV. SUPERIOR



CORTES



Fonte: SALGADO, V. 2019.

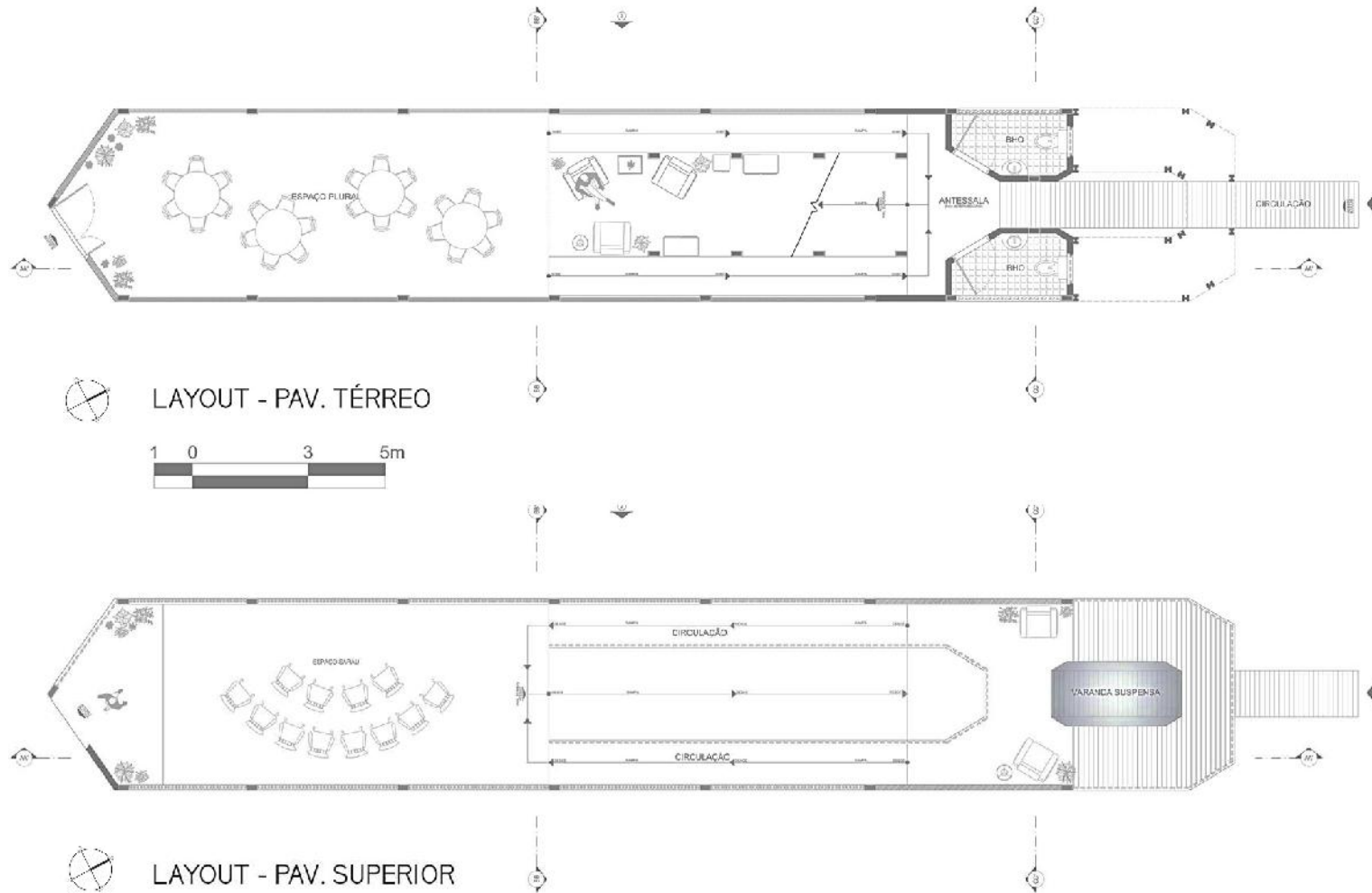
Fonte: SALGADO, V. 2019.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

5.1 Estação Chão d'Água

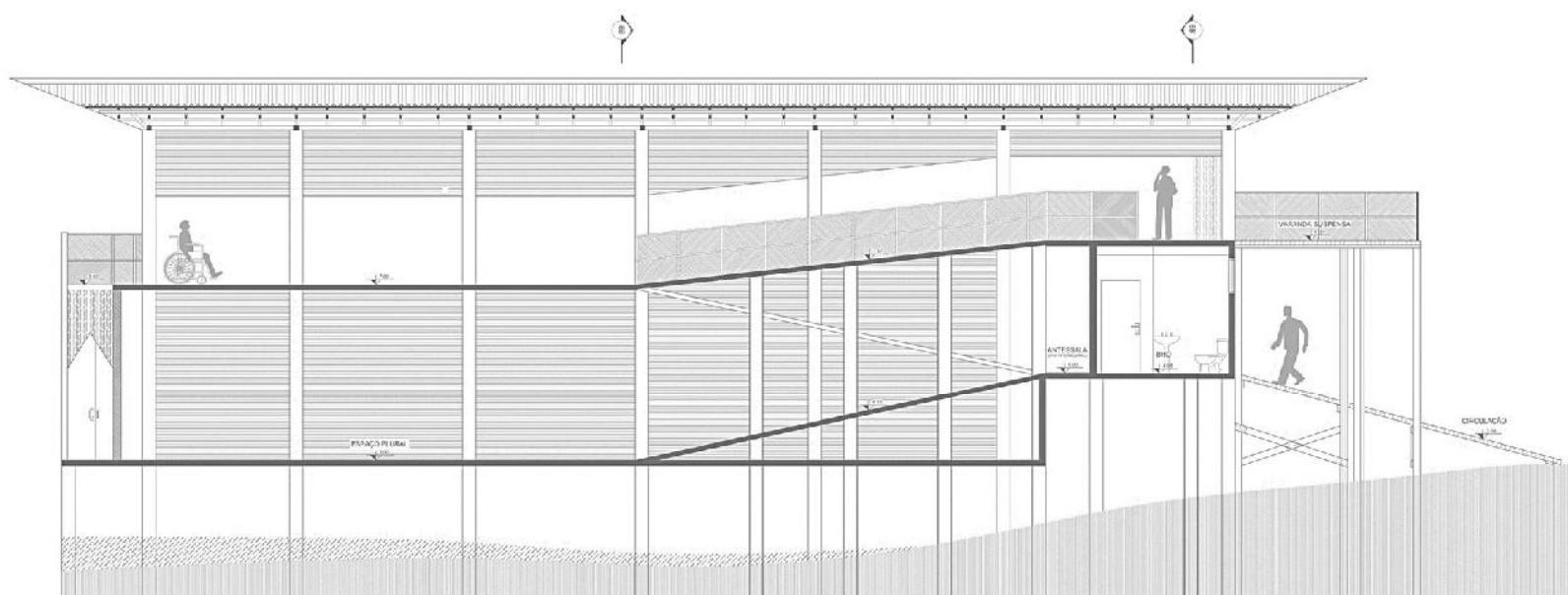
5.1.3 Projeto arquitetônico (Bloco B)



Fonte: SALGADO, V. 2019.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local
5.1 Estação Chão d'Água
5.1.3 Projeto arquitetônico (Bloco B)



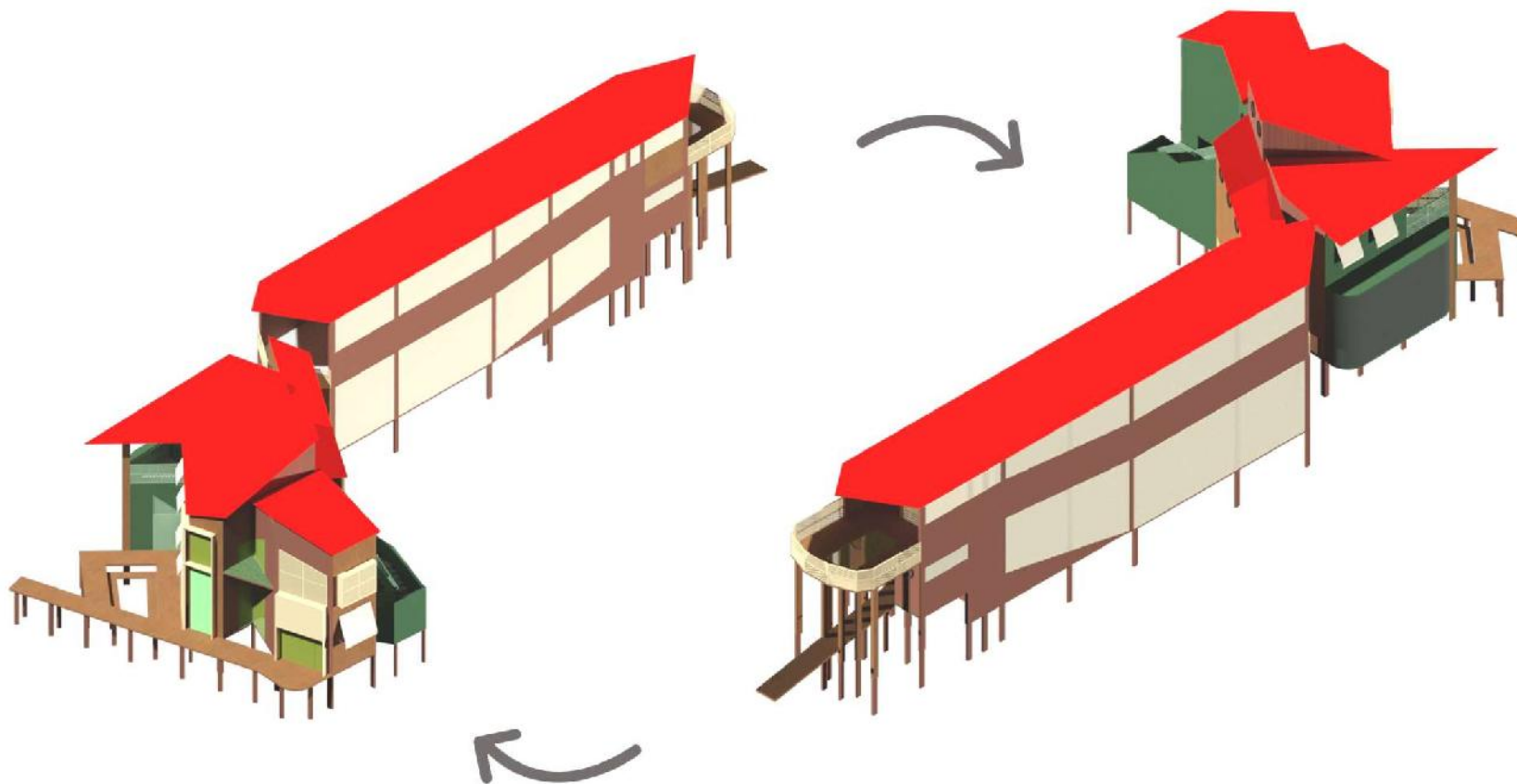
CORTE



Fonte: SALGADO, V. 2019.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

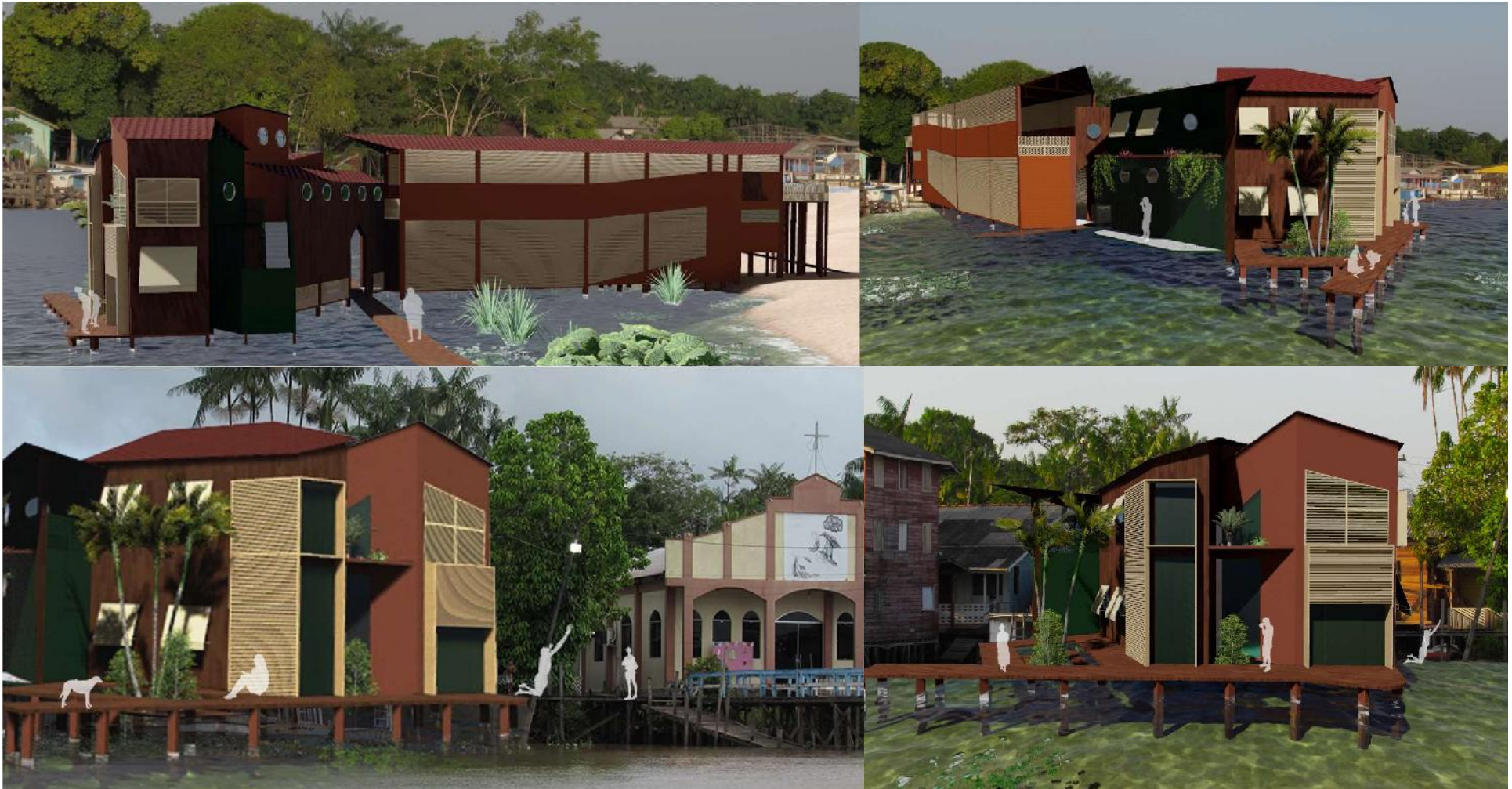
5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local
5.1 Estação Chão d'Água
5.1.3 Projeto arquitetônico (Volumes)



Fonte: SALGADO, V. 2019.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local
5.1 Estação Chão d'Água
5.1.3 Projeto arquitetônico (Composição)



Fonte: SALGADO, V. , MACHADO, D. e CORDEIRO, K. 2019.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local
5.1 Estação Chão d'Água
5.1.3 Projeto arquitetônico (Integração)



Fonte: SALGADO, V., MACHADO, D. e CORDEIRO, K. 2019.

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

5.2 Turismo Comunitário

O TBC objetiva a **vivência intercultural**, a **qualidade de vida**, a **valorização da história e cultura das comunidades gestoras**, bem como a utilização sustentável para fins **recreativos e educativos dos recursos** presentes na localidade (ICMBIO, 2017). Diante das experiências que a Vila Elesbão contém, mesmo considerando suas complexidades, é desejável ver ações desta natureza de negócio servir como **atividade econômica complementar**.

5.2.1 Projetos de TBC na Amazônia



Legenda: (A) Habitação palafíticas da localidade; (B) Visita aos mangues; (C) Apresentação de danças tradicionais da cultura marajoara. Fonte: Projeto Turismo Consciente. 2015.

Nas Ilhas do Marajó, maior arquipélago fluviomarinho do mundo, o **Projeto VEM - Viagem Encontrando o Marajó** - oferece serviços de TBC na **Vila do Pesqueiro** a 8 Km da cidade de Soure (PA).



Fonte: ICMBio. 2018. Foto: SANTOS, S., 2018.

No final de 2018, o ICMBio (AP) propôs oficinas e reuniões à comunidade Bom Sucesso para apresentar e discutir o TBC na FLONA. A primeira oficina reuniu 21 participantes entre comunitários, guia de turismo, guarda parques e interessados no assunto, além dos organizadores.

5 Projeto e Proposta de Desenvolvimento Local

5.2 Turismo Comunitário

5.2.2 Simulação da proposta de TBC

Os autores deste trabalho decidiram criar, através da plataforma Wix®, um **site de simulação experimental do TBC na Vila Elesbão**. Trata-se de uma **contribuição social à comunidade**, em prol de mais iniciativas voluntárias para valorização da cultura local, e gratificação a todos que puderam contribuir com o projeto de extensão. A página online contém apenas **material audiovisual e fotográfico, de origem autoral**, e encerra o conteúdo deste capítulo.



Legenda: QR Code de acesso a página e captura de tela. Fonte: SALGADO, V., 2019.

<https://elesbaoturismo.wixsite.com/elesbaoturismo>

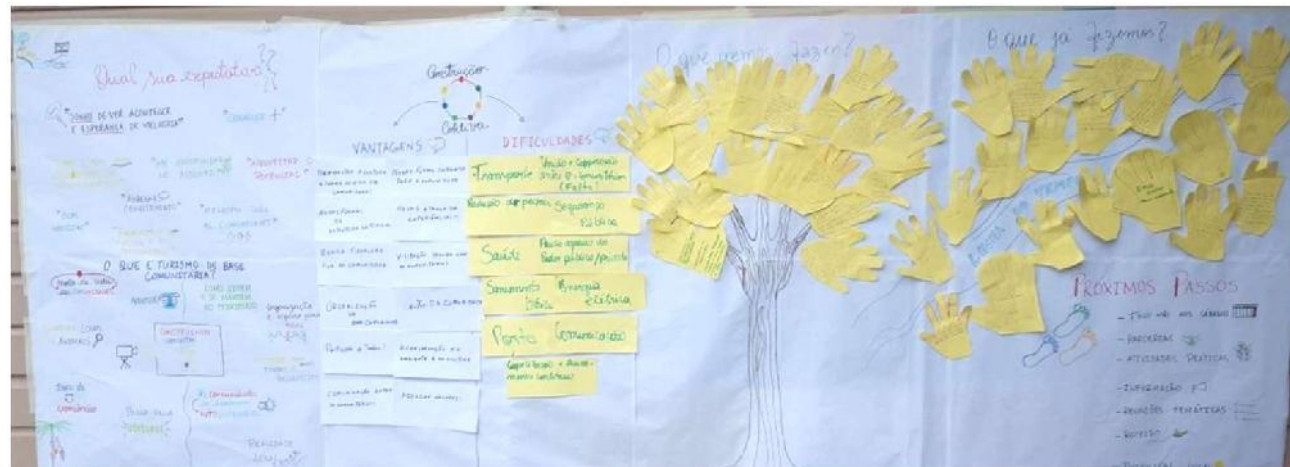
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fotos: PEPCAC e SALGADO, V., 2017.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fotos: PEPCAC e SALGADO, V., SILVA, V. 2017.

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

EXTRAS



flickr



Google Drive



YouTube



A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

Referências

1. ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6.023: Informação e Documentação - Referências - Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.
2. ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6.024: Informação e Documentação - Numeração Progressiva das Seções de um Documento. Rio de Janeiro, 2012.
3. ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6.027: Informação e Documentação - Sumário - Apresentação. Rio de Janeiro, 2013.
4. ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 9.050: Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos. Rio de Janeiro, 2004.
5. ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 14.724: Informação e Documentação - Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2011.
6. AMOBEL, Associação de Moradores do Bairro Elesbão. História e Memória da Formação do Bairro do Elesbão em Santana-AP. Santana, AP. 2016.
7. ARAUJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão. Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 1998.
8. BAHAMÓN, Alejandro & ÁLVAREZ, Ana María. Palafito: de arquitectura vernácula a contemporánea. Parramón, 2009.
9. CAMPELLO, Tereza; NERI, Marcelo Côrtes. Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania. Ipea. Brasília, 2014.
10. CARVALHO, Bianca Moro de. Vivienda popular en el Amazonas brasileño. El caso de las rissacas en la ciudad de Macapá. Teses para optar em el grado de Doctora em Urbanismo. Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). México D.F., 2015.
11. CHAIM, Giselle Marie Cormier. O mestre, a madeira e a habitação: residências de Zanine Caldas em Brasília 1963-1985. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Brasília, 2017.
12. CULLEN, Gordon; DE MACEDO, Carlos Lemonde; CORREIA, Isabel. Paisagem urbana. Edição 70. Lisboa, 1990 (Original publicado em 1983).
13. GIL, Antônio Carlos. Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. v. 4, Editora Atlas SA, 1999.
14. GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
15. GOMES, Lilian Cristina Bernardo. A questão da justiça social. Sapere Aude, v. 7, n. 13, p. 515-530, 2016.
16. GONZÁLEZ, Maryland Morant; DAGER, Maria Daniela Villota; BLASCO, María José Viñals. Análisis y evaluación de los palafitos como oportunidad para la creación de un producto turístico cultural. El caso de estudio de la provincia de Manabí (Ecuador). In: Revista de análisis turístico. Asociación Española de Expertos Científicos en Turismo, 2015. p. 29-38.
17. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Município de Santana - AP: Histórico. Acessado em 18 de junho de 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/santana/historico> >.
18. ICMBIO, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação Federais. Princípios e Diretrizes. Coord.: Thiago Souza et. al. Ministério do Meio Ambiente. Brasília. 2017.

Referências

19. ICMBIO, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Relatório I Reunião Sobre TBC Na Floresta Nacional do Amapá. Coord.: Ivan Vasconcelos. Ministério do Meio Ambiente. Macapá. 2018.
20. ICMBIO, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Relatório II Reunião Sobre TBC Na Floresta Nacional do Amapá. Coord.: Ivan Vasconcelos. Ministério do Meio Ambiente. Macapá, 2019.
21. IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Instrução técnica com vistas à chancela da Paisagem Cultural da Vila do Elesbão/Carpintaria Naval. Macapá, 2011.
22. LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 5ª Edição, Editora Atlas. São Paulo, 2003.
23. LIRA, T. M.; CHAVES, M. P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. Campo Grande, MS. 2015.
24. MOIMAZ, Mirela Ramos; VESTENA, Carla Luciane Blum. Fenomenologia e percepção ambiental como objeto de construção à Educação Ambiental. Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), v. 12, n. 2, p. 67-78, 2017.
25. SANTIAGO, Gabriela Nery. Reestruturação urbana da orla fluvial de Santana - AP: uma proposta urbanística e arquitetônica para o Porto do Grego. Orientador: Elizeu Côrrea dos Santos. - Macapá, 2017. 95 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do curso de Arquitetura e Urbanismo.
26. OLIVEIRA, I. et al. Estatuto da Cidade: para compreender. IBAM/Duma. Rio de Janeiro, RJ. 2001.
27. OLIVEIRA, J. A. D. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. Ciência e Cultura, 58(3), 27-29. 2006.
28. ORTUZARGEBAUER ARQUITECTOS. About Us. [ortuzargebauer.com](https://www.ortuzargebauer.com/about). 2018. Disponível em: <<https://www.ortuzargebauer.com/about>>. Acesso em: 10/11/2019.
29. PENNAFORT, Hélio. Estórias do Amapá. Macapá: Imprensa Oficial, 1984.
30. PERDIGÃO, Ana Klaudia de A. V. Investigações sobre a interação entre o ser humano e o ambiente construído pelo projeto de arquitetura. II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (ENANPARQ), Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade. Rio Grande do Norte, Natal. 2012.
31. PORTILHO, Ivone dos Santos. Áreas de ressaca e dinâmica urbana em Macapá/AP. VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física, 2010.
32. PORTO, Jadson Luís Rebelo. Os territórios federais e a sua evolução no Brasil. Revista Presença, v. 16, n. 1, p. 1-12, 2000.
33. REZENDE, Tadeu Valdir Freitas de. A conquista e a ocupação da Amazônia brasileira no período colonial: a definição das fronteiras. 2006. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
34. ROBERTO, Bartholo; SAN SOLO, Davis Gruber; IVAN, Bursztyn. Turismo de Base Comunitária, diversidades de olhares e experiências brasileiras. Editora Letra e Imagem. Rio de Janeiro. 2010.

Referências

35. SALGADO, Victor; CARVALHO, Bianca Moro. Habitar Sobre Pilotis: A Moradia Vernácula Ribeirinha No Contexto Urbano Da Amazônia. In: Criar com a Natureza, Viver com a Natureza - Turismo: Impactos nos Territórios e Paisagens - Tecnologias de Ontem e de Hoje: As Vertentes da Sustentabilidade: Volume 4 (A Língua que Habitamos). 1 ed. Lisboa: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2017, v.4, p. 80-93.
36. SANTANA, Prefeitura Municipal de. Lei complementar nº002 - Plano Diretor Participativo de Santana. Santana, AP. 2006.
37. SANTANA, Prefeitura Municipal de; IBAM, Instituto Brasileiro de Administração Municipal. Plano de Gestão Integrada da Orla Marítima de Santana - Projeto Orla. 2002. Santana, Amapá.
38. SANTOS, Valdenira Ferreira. Dinâmica de inundação em áreas úmidas costeiras: zona urbana de Macapá e Santana, costa amazônica, Amapá. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, v. 9, n. 3, p. 121-144, 2016.
39. SILVA, Joana; KAPP, Silke. As palafitas do Rio Anil: memória de uma cultura construtiva em vias de erradicação. Grupo MOM-Morar de Outras Maneiras. Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.
40. SUTER, P. J.; SCHLICHTERLE, H. UNESCO World Heritage candidature. Prehistoric pile dwellings around the Alps. Biel/Bienne, 2009.
41. TAKAMATSU, Patrícia. Arquitetura vernacular: estudo de caso Vila do Elesbão-Santana-AP: análise do habitar vernacular no ambiente construído e sua preservação. Dissertação de Mestrado. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG. 2014.
42. TAVARES, João Paulo Nardin. Características da climatologia de Macapá-AP. Caminhos de Geografia, v. 15, n. 50, 2014.
43. TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da; TAVARES, Maria Goretti da Costa. Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA, 2008.
44. TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. tradução de Livia Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.
45. UN, United Nations. The road to dignity by 2030: ending poverty, transforming all lives and protecting the planet. Synthesis report of the Secretary-General on the post-2015 sustainable development agenda, New York, 2014.
46. VALLA, Victor Vincent. Educação, participação, urbanização: uma contribuição à análise histórica das propostas institucionais para as favelas do Rio de Janeiro, 1941-1980. Cadernos de Saúde Pública, v. 1, n. 3, p. 282-296, 1985.
47. VARELLA, Dráuzio, BERTAZZO, Ivaldo, JACQUES, Paola Berenstein. Maré, vida na favela. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2002.
48. VIANA, T. M. S. Planejamento e Gestão Urbanos na Orla Fluvial de Santana: Aportes para o desenvolvimento local. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional. Universidade Federal do Amapá. Macapá, AP. 2016.
49. VILLAÇA, Flávio. Metodologia de Pesquisa. Texto escrito especialmente para o Mestrado em Urbanismo na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo, agosto de 1997.
50. VILLOTA DÁGER, María Daniela. Análisis y evaluación para la puesta em valor turística de los palafitos, vivienda vernácula en la provincia de Manabí, Ecuador. 2014. Dissertação de Mestrado. Valencia/Universidad Politécnica de Valencia/2014.
51. YUSRAN, Yusfan Adeputera; SURYASARI, Noviani. Bolon and Lobo: Revealing The Stack Construction on Batak Simalungun and Kulawi Traditional House. International Journal of Engineering and Technology, v. 8, n. 3, p. 187, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

VICTOR GUILHERME CORDEIRO SALGADO

A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL

*Projeto Estação Chão d'Água e Proposta de Desenvolvimento
Local com Turismo Comunitário na Vila Elesbão (AP)*

Orientadora: Profa. Dra. Bianca Moro de Carvalho

Examinadores: Prof. Humberto Mauro A. Cruz
Profa. Msc. Gêssica N. dos Santos

MACAPÁ
2019

Ao avô homenageado em mim por nome,



(Guilherme)

OBRIGADO!

Fim.

Uma poesia para um amor.

Victor
outubro
de 2018